

PARO

77





foto **MARIA RITA**
 fashion **TIAGO FERREIRA**
 make-up **JOANA ESPARGO**
 modelo **PAULINE SARA**
 ass.foto **FITZI SCHWARZBAUER**
 sobretudo **VALENTINO** na Stivali

www.parqmag.com

facebook /parqmag

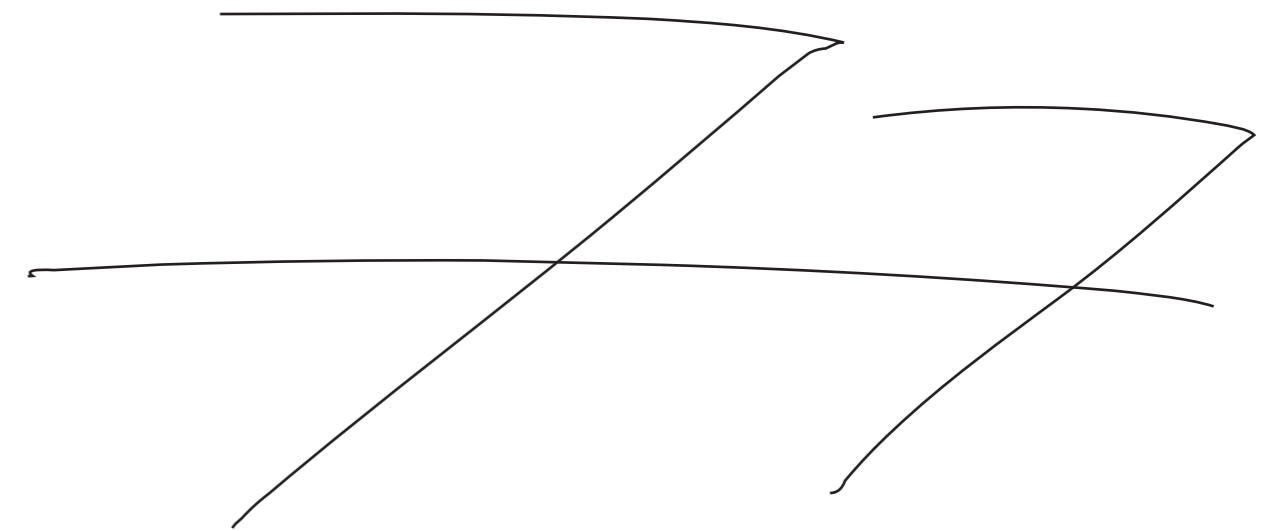
instagram /parqmag

youtube /parqmag

TEXTOS Adriana Veríssimo Silva, Alex Couto, António M. Barradas, Beatriz Nascimento, Carla Carbone, Francisco Vaz Fernandes, Lara Mather, Manuela Marques, Maria São Miguel, Marta Vieira, Miguel Constantino, Patrícia César Vicente, Rafael Vieira, Rita Ramos, Roger Winstanley, Sandra Gato, Sara Madeira, Sofia Seixo Garrucho, Telma Costa, Titus, Vânia Moura • **FOTOS** Elisabeth Teixeira, Georgina Abreu, Luís Abreu, Maria Rita • **ILUSTRAÇÃO** Manuel Branco • **STYLING** Mafalda Martins, Maria Nobre, Raquel Guerreiro, Tiago Ferreira

PERIODICIDADE Bimestral • **DEPÓSITO LEGAL** 272758/08 • **REGISTO ERC** 125392 **EDIÇÃO** Conforto Moderno Uni, Lda. • **NIF** 508 399 289 • **PROPRIEDADE** Conforto Moderno Uni, Lda. • Rua Quirino da Fonseca, 25 - 2oesq. / 1000-251 Lisboa, Portugal **TELEFONE** 00351 218 473 379 • **IMPRESSÃO** Suspensa. Disponível edição on-line. **DISTRIBUIÇÃO** Conforto Moderno Uni, Lda.

DIRECTOR Francisco Vaz Fernandes francisco@parqmag.com • **EDITOR** Conforto Moderno • **EDITOR DE MODA** Tiago Ferreira tiagoferreiraadn@gmail.com @iamtiagoferreira • **DESIGN** Valdemar Lamego valdemar.lamego@gmail.com → a reprodução de todo o material é expressamente proibida sem a permissão da Parq. Todos os direitos reservados. Copyright © 2008 - 2023 PARQ.



YOU MUST

06	CRÓNICA ANTÓNIO BARRADAS
08	GIO-GRÁFIAS
10	TAXI THERAN
11	WEDNESDAY
12	DILLON MARSH
20	DIASPASIS
30	TRIÂNGULO
32	TRIÂNGULO -ROGER COLL
36	TRIÂNGULO -PAOLO GONZATO
40	TRIÂNGULO -KAJA UPELJ
44	VASCO FRAGOSO
50	ANALORA
56	TIAGO BESSA
62	CAROLINA SOBRAL
72	TRIBE
73	TOMMY JEANS X MARTINE ROSE
74	LEVIS X ADISH
76	PALLABROUSSE
77	BOLD
78	EARTH
79	MAGNOLIA
80	T2
81	ELETRA

SOUNDSTATION

84	MUCHO FUEGO NO MUCHO FLOW '22
90	JOKKOO

CENTRAL PARQ

94	KADY
102	DING DONG
116	MOR
126	PIERRE HERMÉ
134	ITALIANO VERO

FASHION EDITORIAL

144	PINK
156	YUGEN

PARQ HERE

170	OITTO
172	FRY ME TO THE MOON
174	CRÓNICA PATRÍCIA CÉSAR VICENTE

PELA TUA MÃO CONHECI O MEU PRIMEIRO AMOR, PAI



Era pela frieza de umas mãos gastas que ia. Pé ante mão, pernas a roçarem uma na outra e o futuro que parecia caber todo ali. Naqueles mais de 40 mil lugares sentados, contidos numa vista construída de sonhos flutuantes e uma certeza de união que os meus 5 anos desconheciam.

Foi pelos 52 anos do meu pai, quando a minha primeira infância ainda brotava dos refegos aninhados na barriga macia, que entrei naquela que seria para sempre a tampa da minha panela —e que bons guisados faríamos. Um raio de segurança, desenhado a compasso e traçado a crença. O perímetro confundia-se com o azul da vida, essa cor tão própria. Da nova vida que ganhávamos naquele cantinho à beira-rio projectado. Não plantado. Com a história de glória em fundo, era o futuro de incerteza que me fascinava.

Era alegria de desconhecidos misturada com palavras tão grandes como o meu 1,30m, da euforia de um ponto tirado a ferros e um abraço dado a alguém de quem só conhecíamos o olhar azul. Que era tudo o que precisávamos.

Naquele estádio, algures em Setembro de 2000, descobri outras formas de amar. Com arrepios na espinha sentidos a galope quando 11 semi-Deuses —assim o entendia— se deslocavam sobre aquele tapete onde eu sentia que não havia mais nada a não ser esse arrepio na pele: amor a uma estranha forma de vida e a uma mística de congelar mindinhos.

O meu pai nunca foi dado a muitas emoções. Não daquelas observadas a vista desarmada, sem um telescópio de sentimentos em punho para analisar a fundo todas as constelações de alegria escondida. Um “podia ser melhor” aqui; outro “não foi mau” acolá e os meus dedos cruzados à espera de viesse de lá um “excelente! Estás de parabéns, campeão”. O meu esforço era sempre esse, o de procurar um elogio para me sossegar a inquietude da imperfeição.

Quando entrávamos naquela espécie de santuário de agnósticos, aparecia sempre uma luz diferente nos seus óculos gastos, com mais dioptrias do que dedos das mãos. Tentei entendê-la desde o primeiro apito. Do primeiro arrepio. Do primeiro festejo. Ali éramos um só a gritar por algo que nos fundia. Os 47 anos de diferença esfumavam-se e éramos duas crianças a erguer os punhos no ar, enquanto caíamos num abraço apertado, carregado de fé. Em Deus nenhum, mas em todos eles. Aqueles 11, que me carregavam no peito durante 90 minutos e uns pozinhos. Num Olimpo do desporto rei onde nenhum daqueles figuraria, mas no meu santuário todos tinham um São antes do nome.

O Restelo passou a ser uma Meca onde colocávamos pedra a pedra os poucos —mas bons!— momentos partilhados. O Belenenses tornou-se um dos meus amores maiores. Nada tem a ver com futebol, pouco se relaciona com desporto e

ainda menos tem a ver com mérito.

Há um sentimento a palpitar nas entranhas mais recônditas que me reconforta. “Clube do sonho”, está escrito numa música a fazer de reza. Nada mais certo. Clube de Futebol “Os Belenenses” terá sempre uma mística bairrista, uma mansão a céu aberto a albergar todos os que se queiram esconder dos desaforos quotidianos. Ali não há nada disso. A casa é comum e todos ajudam a não ruir. Ninguém deixa ninguém à porta. Não até se ouvir um apito, a bola rebentar e voltarem todos para os seus percalços caseiros.

Hoje o meu pai não se lembra. Sabe, no seu fundo azul, que fomos felizes. Não tem memórias, mas tem pelos caídos de todos os arrepios sentidos durante as muitas horas acumuladas naquele estádio. Não tem qualquer reminiscência de me ter tornado mais feliz por me ter feito sentir parte de algo, mas sabe. Algures num dos —ainda frequentes— raios de lucidez ainda remata, com força, para a minha baliza vazia: “então e o nosso Belém?”. O golo entra e a alegria é a mesma do ano 2000 ou de qualquer um dos outros 1001 momentos ali passados, alheios de tudo. A certeza de histórias para guardar e uma união que criou uma relação, fez a força e nos ajudará em todos os dias menos azuis que caminham a passos mais largos do que os que dei naquela primeira vez.

Na altura, a mão era tua, pai. Agora será a minha.

texto —————> ANTÓNIO BARRADAS



"Abro os olhos, olho pro Céu. Mais um dia que Deus me deu." – é a sequência de palavras, proferida por GIO LOURENÇO, que marca o início formal do espetáculo *"Boca Fala Tropa"*, que em franca verdade principia muito antes desse momento, uma vez que, quando o público entra, tanto o GIO (ator) como XULLAJI (músico) já se encontram no palco a afinar os seus instrumentos, em jeito de recepção.

"Boca Fala Tropa" relata uma viagem com demais viagens, vividas e sonhadas, que desenham a geografia do Corpo-Gio. Numa biografia cuja jornada começa em Luanda (Angola) mas que se conta-escreve no Bairro do Fim do Mundo, em Cascais (Portugal). Nesta peça, GIO convida a audiência a testemunhar uma incursão pessoal que ele se propõe a (re)fazer para ativar a memória a fim de preencher lugares de vazio e de indefinição.

Em cena, o ator e o músico protagonizam o diálogo que, pontuado por alguma improvisação, compõe o universo visual e musical de *"Boca Fala Tropa"*, claramente influenciado pela estética do Kuduro¹. Foi através do Kuduro que GIO manteve viva a ligação com as suas raízes e desperto o pulsar de parte da sua identidade cultural, entretanto exilada por motivo bélico. Na adolescência torna-se kudurista e, num ato de resistência, devolve ao Corpo o seu lugar de fala –dança–, a demanda que narra a sua história no ritmo vincado de movimentos partidos e precisos.

De Angola trouxe de recordação, gravada no seu rosto, a cicatriz do nariz partido, fruto de uma das poucas lembranças que consegue aceder. É em Portugal [no Fim do Mundo] que assiste à Guerra² de Angola, numa experiência distanciada e averbada pelo olhar dos adultos, familiares e amigos, que coabitavam o bairro.

Com trabalho e resiliência GIO fez-se homem e, hoje, faz-se pessoa num espaço seu por direito, sem necessidade de o conquistar-delimitar, porque se transforma continuamente como por matriz se define o «movimento», no seu caso traçado com linhas de diáspora.

Em *"Boca Fala Tropa"* é-se invadido pela vibração do Kuduro presente na música, ao vivo, de XULLAJI e na interpretação enérgica de GIO ao dançar as palavras, ideias-memórias fragmentadas, que se precipitam da sua boca: Boca (não) Fala Tropa.

A cumplicidade entre ambos é determinante no sucesso-veracidade da proposta artística, ora é a música o gatilho que ativa a coreografia do Corpo, ora é a métrica e a fonética do texto que originam batidas e trechos sonoros que penetram a epiderme.

Esta obra, de cariz autobiográfico, é um rasgo de nobreza e de generosidade onde GIO partilha a sua vivência, resultado de um trânsito interior povoado de questões próprias e sensíveis – das quais só quem viveu tem propriedade para discursar. *"Boca Fala Tropa"* grita existência, figura uma mensagem política-social, livre de concepções pseudointelectuais e hiperdisruptivas, que desarma convenções erróneas e comove por simplesmente se doar.

texto —————> Manuela Marques
fotos —————> Estelle Valente

"BOCA FALA TROPA", de 24 a 26 Novembro, no SÃO LUIZ (Lisboa) - Alkantara Festival · Direção Artística e Texto GIO LOURENÇO · Dramaturgia e Texto CÁTIA TERRINCA · Apoio à Criação NEUSA TROVOADA e SOFIA BERBERAN · Performers GIO LOURENÇO, XULLAJI e VÂNIA DOUTEL VAZ (em vídeo) · Vídeoartista MICHELLE EISTRUP · Desenho de Som XULLAJI · Desenho de Luz MANUEL ABRANTES · Apoio ao Movimento VÂNIA DOUTEL VAZ, Fogo de Deus · Acompanhamento em Corpo SOFIA NEUPARTH · Cenografia e Figurinos NEUSA TROVOADA · Figurinos do vídeo MÁGDA BUCZEK · Figurinista ULLA JENNER · Fotografia SOFIA BERBERAN · Produção executiva PAULO LAGE · Produção MEDUSA MATERIAL · Fotografia de Cena ESTELLE VALENTE

¹ O Kuduro, do neologismo "bunda dura", é um género musical e, sobretudo, de dança que surgiu em Angola, no final dos anos 80, pela fusão de estilos e, segundo os seus embaixadores Nagrelha e Tony Amado, também inspirado por uma cena do filme "O Desafio do Dragão" [da saga Kickboxer] onde, num bar, Van Damme dança movimentos duros e quebrados.

² A Guerra Civil de Angola teve lugar entre 1975 e 2002, sendo desencadeada no período Pós Guerra Colonial –evento que, também, a impulsionou e responsável por fissuras ainda abertas.

TAXI TEHRAN



O filme *Taxi Tehran* do realizador iraniano JAFAR PANÁHI estreou em 2015 e embora à superfície pareça um filme simples, não o é. Filmado com apenas três câmaras escondidas, todo o enredo passa-se dentro de um táxi, tornando-se um filme aproximado ao género documental. Ganhou nesse ano o Urso de Ouro no Festival de cinema de Berlim.

Taxi Tehran foi lançado há sete anos mas mantém a sua relevância e atualidade porque desmascara acima de tudo a falta de liberdade e a forte repressão que ainda se vive no Irão, país, onde os cidadãos que não cumprem as regras estabelecidas e ousam viver a sua liberdade, são submetidos a duras represálias.

Apesar de *Taxi Tehran* não mostrar diretamente cenas de violência, esta sente-se pelas conversas que ouvimos. O medo ouve-se nas palavras, nas pausas, nos olhares. É um filme inovador, extremamente arriscado, que põe à prova a coragem dos cidadãos que “sobrevivem” no atual Irão como é o caso de JAFAR PANÁHI, um opositor claro ao regime político vigente.

Por essa razão o seu percurso no cinema tem sido difícil, JAFAR PANÁHI está proibido de viajar para fora do país, de fazer filmes e de falar com a comunicação social por alegadamente criticar o regime político do Irão desde 2010. Várias vezes foi condenado a prisão, ficando privado da sua liberdade por períodos que cada vez se tornam mais longos.

No entanto, continuou a fazer filmes clandestinamente tendo realizado em 2015 *Taxi Tehran* num ato de resistência e de coragem, de forma

inteligente e criativa, sem equipa técnica, sem possibilidade de creditar colaboradores. Apesar de todas essas circunstâncias ganhou nesse ano o Urso de Ouro em Berlim.

Numa mistura de ficção e realidade, JAFAR PANÁHI é o próprio protagonista e realizador do filme, guia um táxi pelas ruas de Teerão onde vai conhecendo diferentes pessoas, clientes que entram e saem, e falam ingenuamente sobre temas diversos. À medida que o filme se desenrola, essas conversas aparentemente simples entre desconhecidos abordam a censura no Irão, na arte em geral e no cinema em particular, falam sobre os filmes que não são divulgados no país, as lutas diárias. Inevitavelmente essas conversas tocam também em temas como os direitos das mulheres e a repressão de um modo geral instituída há décadas no país.

Em termos narrativos o filme está dividido em duas partes; Uma primeira parte muito focada nas conversas e pontos de vista dos passageiros, cidadãos anónimos que vivem na metrópole agitada que é Teerão, vão trocando opiniões e desabafos sobre viver com falta de liberdade um ambiente de censura. A segunda parte mais focada na sua vida pessoal com o dia a dia de ir buscar a sobrinha de oito anos à escola, Hana, igualmente irreverente e com aspiração de ser cineasta. Os dois conversam sobre as regras do que é ou não permitido filmar e divulgar no Irão e ficamos a saber acerca das duras restrições impostas mesmo em âmbito académico escolar e em universo infantil.

Este documentário conta também com a participação de NASRIN SOTOUDEH, conhecida ativista e prestigiada advogada dos direitos humanos e amiga pessoal de JAFAR, também ela perseguida e sentenciada pelo regime, proibida de exercer advocacia e de deixar o país. Ambos conversam sobre a opressão e abordam também, ainda que de forma subtil, a detenção de JAFAR antes de filmar *Taxi Tehran*.

Taxi Tehran é um filme que nos mostra a realidade quotidiana de viver e fazer arte num país com um regime opressivo. Mostra a coragem de JAFAR PANÁHI, a mestria de um realizador premiado com filmes arriscados e inovadores nos meios e na forma, que sobretudo desconstrói os convencionalismos de fazer cinema. Fica na lente a forte resiliência perante as circunstâncias. Usa-as magistralmente como um catalisador de inspiração em vez de uma barreira.

JAFAR PANÁHI foi novamente detido em Julho ao lado de um crescente número de opositores ao regime cada vez mais audíveis. O governo teocrático tem intensificado as restrições e o seu regime punitivo e desta vez JAFAR PANÁHI foi sentenciado a seis anos de prisão.

texto —————> LARA MATHER

WEDNESDAY



Quebrando o recorde da Netflix como série de língua inglesa com mais horas visualizadas na primeira semana de streaming ao chegar às mais de 341,23 milhões, a série de oito episódios, *Wednesday*, criada por MILES MILLAR e ALFRED GOUGH estreou no dia 23 de Novembro e é o perfeito gótico coming of age sobrenatural.

Wednesday Addams, filha mais velha de Morticia e Gomez Addams já teve várias interpretações ao longo dos anos enquanto criança, reaparece nesta série agora numa fase adolescente. A série abre com Wednesday a ser expulsa do liceu convencional por rebeldia e como punição entra no colégio interno “Nevermore” que acolhe sobrenaturais. É neste ambiente que se desenvolve a ação, com a personagem a desvendar segredos de família e a tentar decifrar o culpado de uma série de assassinatos, enquanto lida com os dilemas próprios da idade.

JENNA ORTEGA interpreta brilhantemente o papel de protagonista Wednesday Addams, desde a postura ao olhar cativante em que não pisca os olhos uma única vez durante a série, uma escolha feita após conversar com o realizador TIM BURTON, ao seu sentido de humor obscuro e seco característico da personagem. Houve dedicação ao papel, a atriz teve aulas de violoncelo e de esgrima, atividades que executa na série. A adição de franja às famosas tranças de Wednesday, a maquiagem pálida e os figurinos góticos da autoria de COLLEEN ATWOOD que fez o guarda-roupa para o elenco inteiro resultaram na perfeição. O trabalho de efeitos visuais é incrível, especialmente

com a personagem Thing Addams, literalmente uma mão que serve a família Addams e comunica com Wednesday ajudando-a ao longo da série. Interpretado por VICTOR DOROBANTU, vestido num fato azul, que é depois removido digitalmente, com apenas a sua mão direita exposta, os movimentos tornam-se mais realistas. Uma personagem que ganha sem dúvida mais destaque nesta série do que em versões anteriores.

CHRISTINA RICCI que tão iconicamente interpretou primeiro o papel de Wednesday Addams nos anos 90 nos filmes *The Addams Family* e *Addams Family Values* é rebuscada nesta série para interpretar o papel da professora Marilyn Thornhill uma personagem com um arco narrativo interessante. Ao elenco de estrelas juntam-se CATHERINE ZETA-JONES e LUIS GÚZMAN que interpretam Morticia e Gomez Addams e GWENDOLINE CHRISTIE como Larissa Weems, diretora do colégio.

TIM BURTON realiza os primeiros 4 episódios, os restantes são realizados por GANDJA MONTEIRO e JAMES MARSHALL. Quem está familiarizado com o estilo cinematográfico de BURTON sente uma clara diferença entre os primeiros episódios e os últimos. O tema inicial da série é absolutamente fantástico e digno de um filme no grande ecrã, epicamente misterioso e sombrio, da autoria de DANNY ELFMAN, veterano colaborador de TIM BURTON. Filmada na Roménia contou com MARK SCRUTON como designer de produção que trouxe o famoso toque “burtonesco” (de TIM BURTON) a todos os cenários.

TIM BURTON é mais do que a escolha óbvia para esta série. Em 1991 já tinha sido o escolhido para realizar *The Addams Family* mas devido a sobreposição de datas com *Batman Returns* em mãos, não foi possível. Em Julho de 2013 foi anunciado que iria realizar um filme stop motion sobre a família Addams mas foi cancelado por isso quando foi anunciado em 2020 que desta vez ia realizar a série *Wednesday* os seus fãs assim como fãs dos filmes anteriores da família Addams explodiram de satisfação. A combinação entre a estética de BURTON e o mundo dos Addams com um toque moderno da Netflix parecia o panorama ideal para os fãs. GANDJA MONTEIRO e JAMES MARSHALL nos restantes episódios conseguem um bom trabalho, no entanto, sente-se uma perda de momentum e é clara a mudança na escolha de planos e enquadramentos.

A série explora Wednesday como personagem principal em vez de secundária como em versões anteriores. Destaca-se como uma anti-heroína. Misturando os géneros de terror, fantasia e comédia é na sua essência um coming of age sombrio e apelativo.

texto —————> LARA MATHER

As Obsessões Compositivas Do Fotógrafo

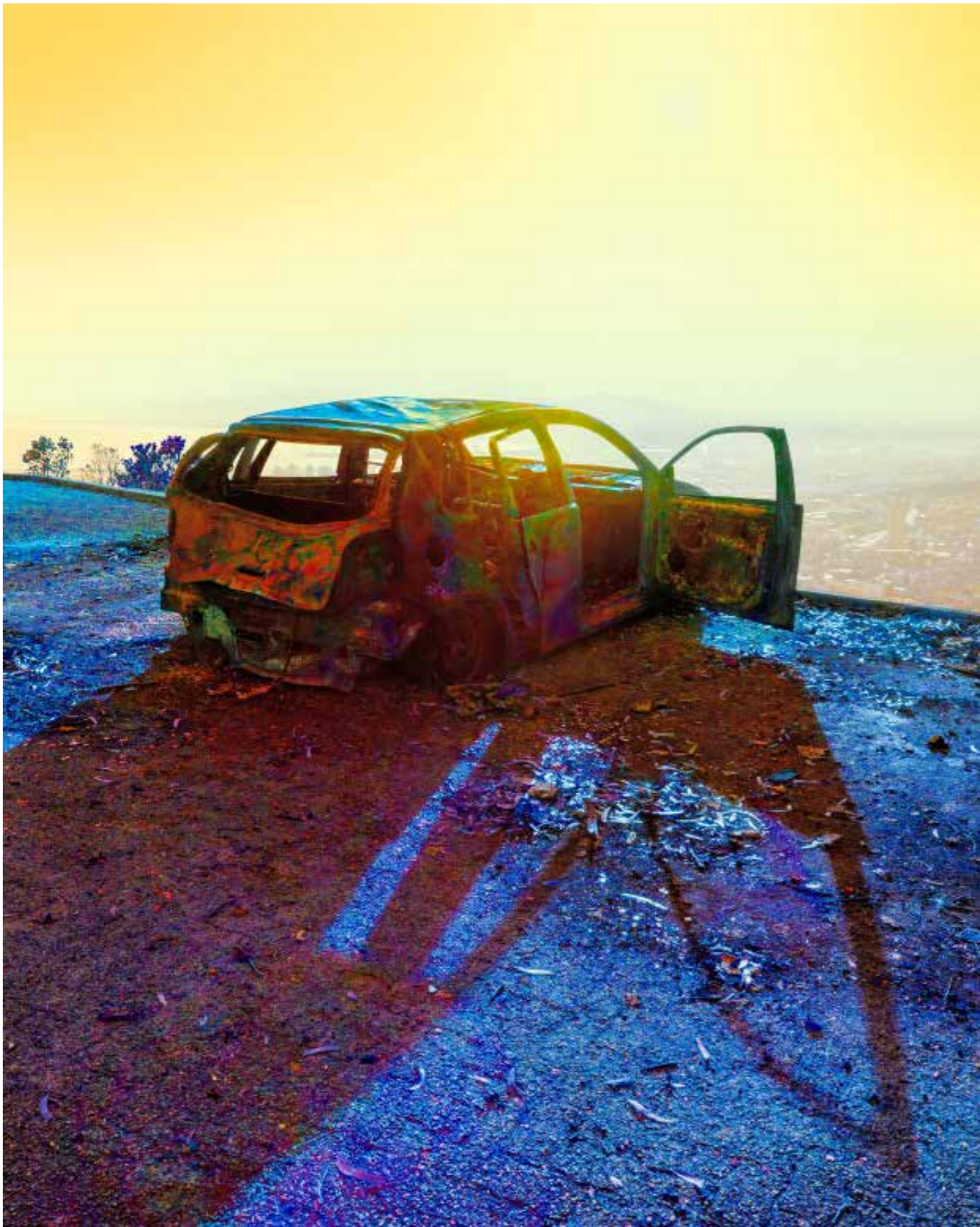
DILLON MARSH é um artista sul-africano que explora, como diz, a ténue relação entre o ser humano e o seu entorno. Concretiza esta visão ao procurar incessantemente elementos de interesse para fotografar, o que o torna extremamente consciente do seu contexto. Quando encontra algo com potencial de transportar para uma série fotográfica, torna-se uma questão de o capturar e filtrar, o que faz «direccionando cuidadosamente a composição das imagens e eliminando distrações».

«Às vezes», descreve DILLON, «o tema que quero retratar não é físico, é conceptual, como no caso da série sobre a produção da indústria de mineração da África do Sul (*For What Its Worth*), ou da redução dos glaciares (*Counting the Costs*). Nestas séries, descreve, «incorporei imagens geradas por computador nas fotos para mostrar a dinâmica subjacente que não pode ser mostrada apenas com a fotografia. O meu objectivo, ao fazê-lo, é apresentar novas maneiras em que nós, como espécie, causamos impacto no planeta».

DILLON trabalha a paisagem com elementos externos de forma a contrastar deliberadamente questões ambientais. O seu trabalho inicial consistia em tipologias, séries em que investigava vários aspectos da relação das pessoas com o meio ambiente, fossem torres de telemóveis disfarçadas de árvores ou postes telefónicos tomados por ninhos gigantes. Procurava algo fora do comum. Ao mostrá-los como uma tipologia, ou seja, em algo que proporciona uma repetição de elementos semelhantes em composições formais, DILLON sentia que podia mostrar diversas variações «dessas anomalias». «O observador pode vê-las como uma colecção e, ao mesmo tempo, descobrir as diferenças que ocorrem entre as imagens individuais», diz.

A abordagem de *Dillon* é semelhante à de umleccionador, um processo de recolha e selecção de imagens em que encontra «muita satisfação». O seu interesse e foco é bastante variado e, garante, necessita de mudar o processo de projecto para projecto para preservar o seu impulso criativo. «Por isso», conclui, «fiz de tudo, desde fotografia aérea até macrofotografia. Cada série pode ser vista como uma colecção independente, mas, ao mesmo tempo, estão todas interligadas pelo meu interesse na forma como interagimos com o planeta em que vivemos».





Dillon Marsh
Fever Dream



Dillon Marsh
Fever Dream



Dillon Marsh
Counting the Costs



Dillon Marsh
Counting the Costs



Dillon Marsh
Invasive Species



Dillon Marsh
For What its Worth - Copper



Pichi & Avo, representados pela Galeria Underdogs

Falemos do conjunto de trabalhos que tem a exposição. É a segunda vez que estão em Lisboa. Que procuraram trazer de novo?

PICHI – Para esta exposição procuramos trabalhar em placas de gesso e foi a forma que encontramos para evocar todos aqueles que olham os murais pela rua e gostariam de os trazer para casa. Neste sentido estes novos trabalhos acaba por evocar um pedaço de parede de uma rua dentro de uma galeria. Há também um conjunto de objetos que são como achados arqueológicos e uma série de esculturas pintadas com a tinta UV que é uma espécie de tinta invisível mas que pode ser percecionada a partir da luz ultravioleta que permite o espetador ir descobrindo coisas que à primeira não são imediatamente percecionadas.

AVO – Há umas lanternas ao lado das esculturas que podem ser usadas e por isso acaba por ser um trabalho mais interpretativo. É uma série que já tínhamos em mente há algum tempo e estava a ser estudado em estúdio. Basicamente remete novamente para a arqueologia, mais especificamente para a questão do restauro. Porque no restauro usa-se o scanner com o raio x

sobre peças e acabas por descobrir muitos outros traços que o tempo deixou numa peça sem que sejam visíveis ao olho. É um pouco isso que queríamos evocar, porque sem a luz ultravioleta não vês nada mas sobre esse efeito há um mundo a descobrir.

Tinham um tema para esta exposição?

AVO – Sempre estivemos interessados nos temas dos museus, do património, da arqueologia das heranças culturais, e quisemos ir um pouco mais além, em algo talvez mais matérico, questionar algo que era do exterior e passa para o interior. Ao final encontramos um termo, dias-pasis que em grego significa separação. A ideia é evocar quemuitas das obras criadas acabam ao longo do tempo por sofrer mutilações e são separadas do seu conjunto, do seu contexto espacial para onde foram criadas. Ainda assim funcionam perfeitamente. Por vezes troços que estão num museu completam-se com outros que estão noutra, em países diferentes. A Venus de Milo está em Paris mas talvez alguns troços do seu conjunto monumental estejam noutra museus. Aqui também procuramos evocar esta questão porque todos os trabalhos apresentados são partes de um puzzle, são troços de algo maior que não está na galeria.

PICHI – Gostamos que seja uma exposição muito interativa, que não seja uma exposição só para ver, que o público tente interagir, tente descobrir. Há uma peças, por exemplo em que o conceito dias-pasis se torna mais figurativo, porque apesar de ser formada por dois troços separados, há dentro da galeria um ponto de vista onde se ganha a ilusão de ser uma peça única. É como se o espetador pudesse remeter para um momento em que essa venus volta a ser uma peça inteira.

A arqueologia, os temas clássicos estão sempre presentes no vosso trabalho, como começou esse interesse já que vocês vêm de um universo da street art que inicialmente era muito mais ligada ao graffiti, ainda que presente também na vossa obra??

AVO – Na antiga Grécia também se pintavam paredes. Viemos do graffiti mas algo que faz parte do ser humano é expressar-se publicamente. Também pesa o facto de sermos de Valência e termos uma forte herança greco-romana. Estamos rodeados de história e sempre gostamos da pintura clássica. Apesar de virmos do graffiti somos bastante clássicos e através do trabalho encontramos esta forma de expressão que nos representa muito. Representa quem nos somos, o que somos e de onde viemos. Acabou por ser um processo natural. Ou seja, o facto de virmos do graffiti não significa que não possamos gostar de arte clássica.

PICHI – Para qualquer artista, até para alimentar a sua inspiração é importante conhecer coisas novas, tanto em galerias de arte como em museus. Adoramos estudar sobre arte, sobre mitologia.

Mitologia é algo que estudam, em que estão interessados? Como é que isso acaba por ficar integrado nas vossas obras?

PICHI – O que gostamos é recorrer a mitologia clássica e dar-lhe uma reinterpretação. Esses mitos eram compreendidos de outra forma. O que gostamos é dar-lhes uma nova visão e interpretação.

AVO – O que percebemos numa leitura dos escritores clássicos é que a interpretação do mito já era nessa época muito diversa, nunca era igual na verdade. Então nos estamos a contar o mito da nossa forma pessoal.

Tens algum artista ou escritor clássico que seja a base do vosso conhecimento e que seja fonte constante de inspiração.

PICHI – Isto já é uma pergunta complicada. Podemos ser inspirados por Aristophanes, Homero como por artistas contemporâneos. Qualquer um pode nos inspirar.

AVO – Artistas contemporâneos há mesmo muitos nomeadamente VHILS com quem apresentamos uma peça nova nesta exposição.

Em Portugal não se estuda a cultura clássica por isso fico impressionado pelo vosso interesse pela arte clássica.

AVO – Mas em Portugal há muita arte clássica pelas ruas, é muito inspirador estar em Lisboa. Por isso a arte clássica está sempre ao nosso lado mesmo que se tenha menos consciência dessa proximidade e influência-nos seguramente.

Como é que vocês trabalham? Estamos a habituados que uma peça de autor seja de uma pessoa. No vosso caso tem uma dupla autoria, como começou tudo?

AVO – Se tens tudo planeado, o que acaba por nunca acontecer, diria que acaba por ser natural. Conhecemo-nos a fazer graffiti e pouco a pouco percebemos que podíamos fazer coisas juntos. Tínhamos o mesmo tipo de pensamento e os mesmos objetivos. Se queres fazer coisas em grande escala tens que criar uma equipa e nós tivemos esse objetivo claro desde o início. Graças a isso podemos abarcar murais e grandes projetos. É mais fácil de trabalhar em estúdio, porque são dois pontos de vista, duas opiniões para que ao final chegues a um ponto que provavelmente é mais interessante.

PICHI – O que nos interessa é evitar o ego do artista. Quando a obra está entregue a um artista há sempre algo de pessoal mas quando trabalhas em equipa isso tem que estar de fora. Tens que acreditar mais na execução da obra final do que no artista.

Mas é muito fácil reconhecer uma obra vossa. Final com ou sem ego parece que essa identidade não se perde.

PICHI – Há uma identidade da obra no seu conjunto, não do artista. Se ao final tens uma

equipa, tu reconheces essa identidade não o artista.

Mas em algum momento, conhecendo melhor o vosso trabalho poderia dizer, isto aqui é Pichi ali é Avo?

PICHI – Na mesma peça vamos-nos cruzando e tudo depende na confiança que tens no outro artista e não paramos a pensar que isso vou fazer eu e aquilo vais fazer tu. Ou seja, há uma ação que desenvolve uma dinâmica que acaba por surgir natural.

AVO – Estamos a a pintar uma parede branca e o que fazemos é como se fossemos pintando as muitas vidas dessa parede, gerando capas e capas e o final é o que resulta de todo o processo, o que ficou visível.

PICHI – Todas as esculturas que representamos nos nossos trabalhos já estão feitas, são esculturas que existem, que são bastante conhecidas. O que nós gostamos de fazer é ir aos museus e fazer as nossas próprias fotos dessas esculturas, que são o início de todo o processo.

AVO – Em estúdio depois aproveitamos esse material para lhe dar alguma transformação, depois é que começam a surgir os desenhos, um primeiro mais manual depois outros mais digitais, depois o resultado final acaba por estar muito alterado porque nunca somos muito fiéis ao plano.

PICHI – Estamos a realizar uma pintura rápida e por isso não fazemos um pintura hiper realista, não procuramos representar uma escultura perfeita porque então não se adaptaria ao conjunto de uma pintura na parede.

Em Portugal já tinham uma obra pública perto de Santa Apolónia, que surgiu no contexto da vossa última exposição na Underdogs. Vão ter uma nova obra pública.

AVO – Vamos ter uma intervenção num local que não é público. É uma intervenção que tem muito que ver com a exposição. É um mural que foi pintado, mas que vai ser destruído restando apenas um pedaço, como acontece com as peças que temos aqui em exposição.

PICHI – Ao veres o vídeo que foi realizado para documentar e que vai circular apenas nas redes sociais terás um testemunho de todo o processo e o público pode entender melhor todo o conceito que está por detrás desta exposição.



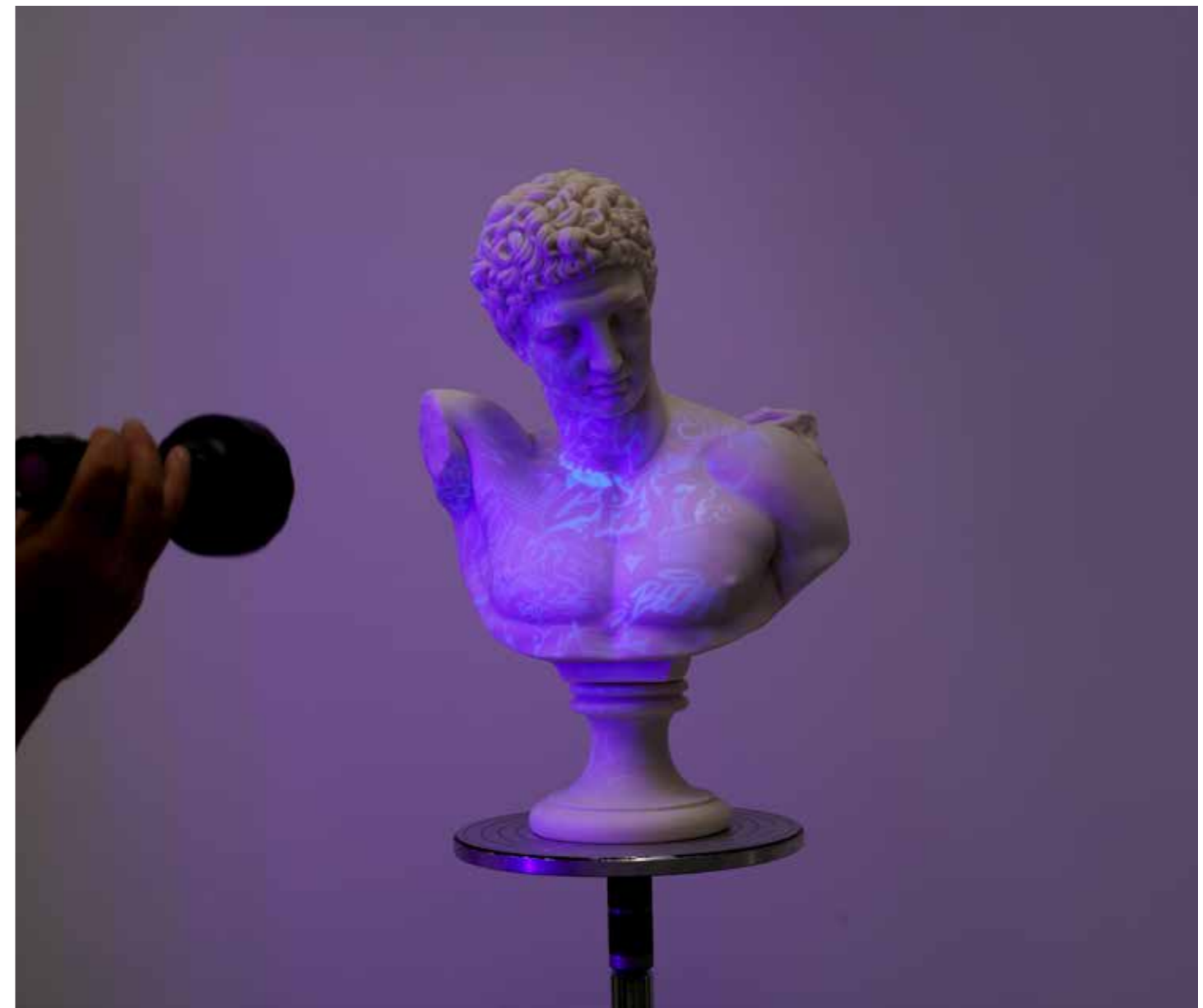
Colossal Head of a Youth (Diaspasis).



Athena and young hero Diaspasis α . ©ArtistCredit



Proserpina Diaspasis B. ©ArtistCredit



Hermes bust_UV. ©ArtistCredit



vistas gerais da exposição na Underdogs



Vhils e PichiAvo (obra que resulta de uma colaboração)





Neptuno, Pintura mural dos Picheiro perto de Santa Apolónia

ROGER COLL

TRIÂNGULO

PAOLO GONZATO

KAJA UPELJ

ROGER COLL (n.1979) pertence a esta nova geração de artistas que repensam a cerâmica sem muitos complexos e situam-se fora das categorias tradicionais.

Originalmente de Badalona (Barcelona), vive e trabalha em Vic. Estudou Arquitetura Técnica na Universidade ETSA La Salle Barcelona, Escultura na EASD Llotja Barcelona e Cerâmica na Escola Forma Barcelona, EASD Pau Gargallo e EASD Vic. O trabalho de ROGER tem sido exibido internacionalmente em exposições individuais e coletivas desde 2010, incluindo Nova York, Berlim, Milão, Estocolmo, Lisboa e Londres. A sua escultura foi publicada no livro *New Wave Clay: Ceramic Design, Art and Architecture*.

ROGER COLL representa uma abordagem revigorante e contemporânea da escultura em cerâmica. Exibidos e reconhecidos internacionalmente, os seus trabalhos falam com uma fluidez e fluência que pode ser associada tanto a gráficos vetoriais quanto a uma investigação histórica da arte da linha orgânica.

O trabalho de COLL opera por meio de uma topologia inerente e reativa; as suas peças movem-se pelo espaço tão fácil e intuitivamente quanto são movidas pelo espectador. Mantendo e afirmando um caráter distinto e complexo, essas peças podem perfeitamente encontrar contexto dentro do espaço que ocupam.

Achas que o futuro está de volta?

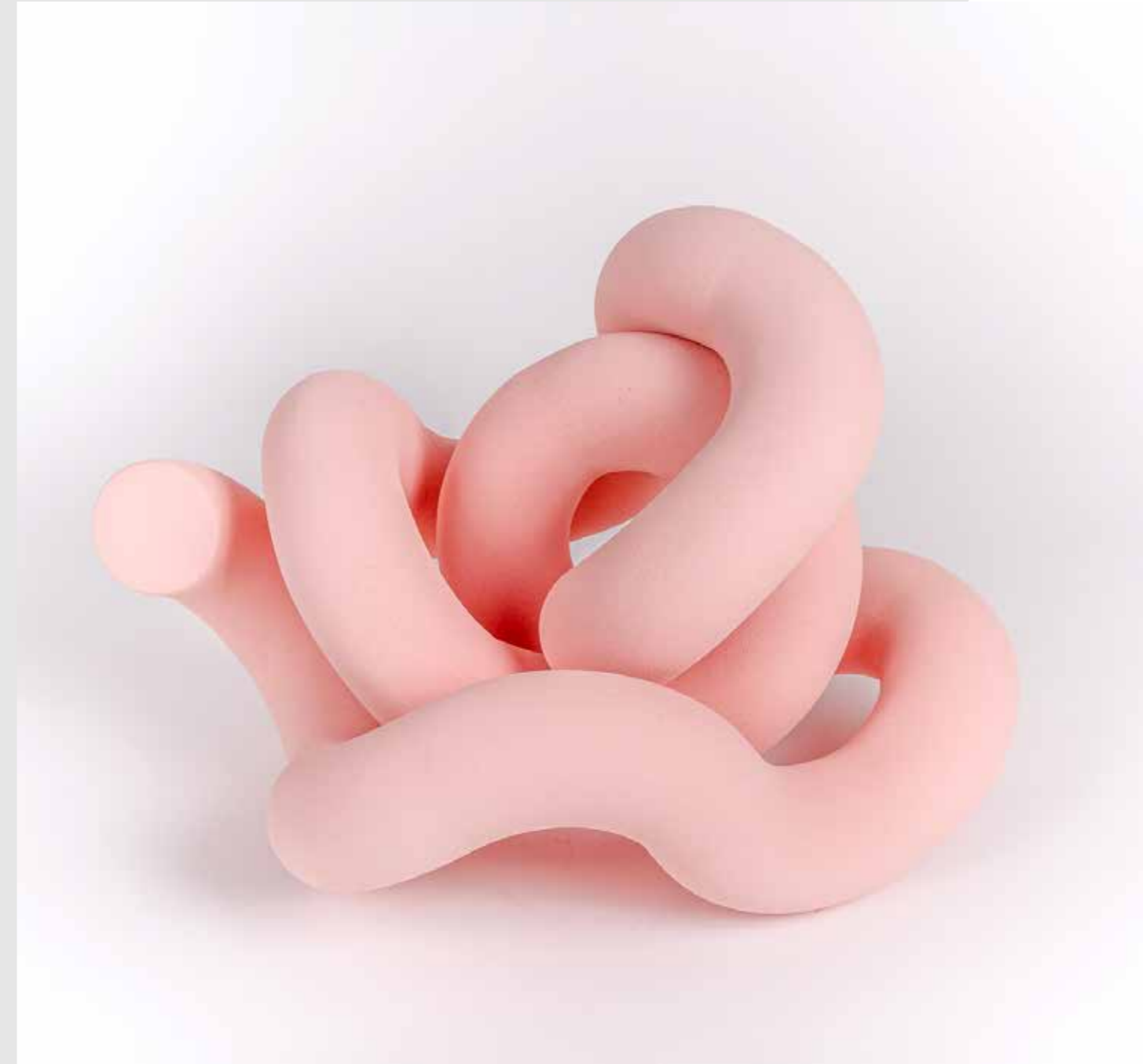
ROGER – O futuro está sempre entre nós, mas muito poucos têm a capacidade de o ver.

O mundo criativo é liberdade?

ROGER – É a liberdade de usar as suas próprias restrições e limitações.

Se pudesse passar um dia com um artista vivo ou morto, quem seria e o que faria?

ROGER – RICHARD DEACON e BORROMINI. Eu calar-me-ia e ouviria.



PINK2201
50x40x30cm, Stoneware, 2022



SILVERALTFP2202
45x41x38cm, Stoneware, 2022



BLUEKPLS2201
40x45x50cm, Stoneware, 2022

PAOLO GONZATO Busto Arsizio (1975) vive e trabalha em Milão.

Em 2012 começou a ser representado pela galeria APALAZZO, onde em 2023 apresenta uma exposição individual. A sua obra, sempre voltada para a transformação e a marginalidade, trata da dinâmica recessiva e da suspensão. Nesse sentido, desde 2003 cria uma série intitulada *OUT OF STOCK*, o mais recente *BARACCHE*. Usando várias mídias estendendo o conceito de arte, GONZATO interage igualmente no campo do design e da moda. As suas obras estão presentes em coleções públicas e privadas italianas e internacionais. Participou em projetos de arte e arquitetura da Bienal de Veneza e Berlim, bem como em residências artísticas e workshops em museus e instituições.

Às vezes que o futuro está de volta?

PAOLO — Sim, o futuro é um passado técnico que volta, já respirei a atmosfera deste novo no início dos anos 2000 que também trazia um desejo de novidade que vem de longe alternando camadas geológicas/culturais. Quem sabe se é uma frescura sincera? Talvez seja apenas a necessidade de renovar a estética de forma cíclica, negando o passado recente para se sentir diferente, melhor. As pessoas tendem a idealizar a estética de seus anos vitoriosos, mas ela voltará "e retornará" esvaziada dos conteúdos que a produziram, retornará como um eco um pouco aborrecido e banal...

O mundo criativo é liberdade?

PAOLO — O mundo criativo tem suas próprias regras para cada um de seus submundos, comparado ao mundo do "real" parece quase um paraíso que fala de inclusão, transformação e capacidade de dar pontos de vista inovadores em relação à ideia de periferia, diferença e pensamento populista/nacionalista oposto. No trabalho artístico, o meu momento favorito é o tempo ligado à investigação, o tempo passado no estúdio a trabalhar onde incrivelmente consigo pensar em coisas que me escapam no dia-a-dia. O mundo grita demais, eu gosto de silêncio.

Se pudesses passar um dia com um artista vivo ou morto, quem seria e o que fariam?

PAOLO — Um dia nos anos 80 com ROBERT MAPPLETHORPE... não é uma coisa leve... Eu deixaria que me contasse sobre a cena artística LGBTQ e o massacre que a está a afetar, literalmente a apagar uma geração sem que ninguém se importe muito com isso. Eu posaria para ele travestido, ia aos CLUBS onde tudo era possível e gostaria de o ajudar nos seus kebabs, composições florais de tradição japonesa que gostava de retratar. Já ficaria feliz com uma das suas pequenas polaroids de flores desejando-lhe a eternidade que ele merece.



Out of stock, 2019

Colagem em papel de embrulho 106x32,5cm
cortesia Apalazzo Gallery



Chopstick, 2021
Cerâmica vidrada a ouro 34x30cm
cortesia apalazzo Gallery



Baracche (Azul 1), 2018
Vidro Float, ferro tropicalizado e Led 68x48cm
cortesia apalazzo Gallery

KAJA UPELJ (n.1992) é uma artista eslovena que trabalha entre a Eslovênia e o Reino Unido. UPELJ formou-se no Royal College of Art (2018) especializada em vidro. Antes disso, recebeu BÅ na Academia de Belas Artes e Design em Ljubljana (2016). Durante o seu mestrado, UPELJ desenvolveu uma técnica em que as cores iridescentes ocorrem a partir de reações químicas dentro do vidro. KAJA ganhou inúmeras bolsas de estudo e prêmios, incluindo ser nomeada para a Queen Elizabeth Scholarship Trust Scholar no Reino Unido e um dos jovens talentos emergentes globais na New Horizons 2018 na China. Já expôs internacionalmente, mostrando em feiras de arte como Collect em Londres, Miart e Milan Design Week em Milão, bem como no Nomad Circle situado em várias cidades.

Às vezes que o futuro está de volta?

KAJA – Não acho que o futuro como o conhecíamos está de volta, pois a nossa percepção do entorno mudou, devido a pandemias fomos forçados a romper com o passado e imaginar nosso mundo de novo. Estamos reconstruindo nossos objetivos para o futuro e, ao mesmo tempo, percebendo a importância de relacionamentos humanos significativos, porque quando tudo é reduzido ao básico, só podemos confiar uns nos outros.

O mundo criativo é liberdade?

KAJA – Para mim, ser criativo e fazer arte é muito libertador, pois posso expressar-me de várias maneiras e capturar assuntos às vezes difíceis de uma forma mais sutil. Não acho que haja muita limitação no mundo da arte, pois o objetivo do artista é trazer à tona as emoções que as pessoas podem não estar cientes, e essas emoções podem ser tristeza, nojo ou empatia.

Se pudesse passar um dia com um artista, vivo ou morto, quem seria e o que faria?

KAJA – Gostaria de passar um dia com MARINA ABRAMOVIČ, sem agenda específica, apenas para falar sobre a sua prática e o impacto emocional gerado pela comunicação não verbal.



Subtle Flow – Series 2, 2020
Vidro, Dimensões variáveis



Subtle Flow – Series 1, 2020
Vidro, Dimensões variáveis



Otherworldly Bodies, 2020
Vidro, 32x21x13cm



Fazes design tendo como ponto de partida a madeira, quando é que começou o teu gosto pela madeira?

VASCO – Comecei a trabalhar em madeira em 2015, por influência de um amigo. Começou por ser uma brincadeira, como em tudo, e a pouco e pouco fui me interessando cada vez mais. Foi um gosto gradual na medida em que cada vez mais aprecio e admiro este material que me permite criar e dar vida as ideias que tenho perdidas nos cadernos. Certamente não vou ficar pela madeira, ando constantemente à procura de novos materiais.

Estudaste arquitetura, em que medida essa formação te ajuda na conceção das peças que crias?

VASCO – Ajuda e muito. Acredito que se não tivesse tido a formação em arquitetura, muitas das coisas que imaginei e fiz não seriam possíveis. A abordagem geométrica ao desenho, a forma como o esboço inicial começa, a preocupação com a função aliada à estética, são todos aspetos que nunca teria em consideração se não fosse arquitecto.

Na conceção de uma peça, o que pesa mais, a matéria que tens disponível ou a idealização do design?

VASCO – Acho que o facto de desenhar e estar muito próximo da execução faz com que seja um bocadinho dos dois: há desenhos que são alterados por influência da peça de madeira que escolhemos e há desenhos que só aparecem porque tenho na cabeça uma determinada prancha ou toro de madeira.

O que pesa mais é a questão prática do design e só depois vem a forma como podemos pôr em evidência certos aspetos da madeira.

Fazes essencialmente peças únicas. O que preferes, partir de uma encomenda específica ou desenvolver as tuas próprias ideias?

VASCO – Tenho algumas ideias que vou fazendo com tempo, quando as encomendas o permitem, mas admito que gosto dos dois. Produzir para uma encomenda específica tem sempre o feedback e um briefing do cliente a que devo responder. Se estiver a fazer peças sem cliente o desenho é mais livre, faço o que gosto e o que sinto que devo fazer. 95% do que produzo são peças desenhadas por mim, os outros 5% são desenhos de arquitectos com quem gosto e faço questão de colaborar. Têm sempre uma visão e um conceito por trás que gosto de aprender e de fazer.

Em que medida a questão da reciclagem se torna o teu tema principal e influência a tua criação?

VASCO – Tenho cuidado onde e com quem compro a matéria prima. Todos estamos cientes dos desafios ecológicos que temos pela frente e eu tento fazer a minha parte. Tenho uma série de peças que desenvolvi ao longo do tempo que consistem em aproveitar o que sobra depois de tudo feito. Aproveito peças de madeiras diferentes e encaixo-as formando painéis que posteriormente transformo em mesas de jantar, aparadores, cadeiras. Tenho agora uma peça que

estou a desenvolver nesta onda e estou a gostar do caminho que está a levar! Daqui a umas semanas devo ter a peça pronta.

Onde encontras as tuas matérias de trabalho e se tens alguma que esteja na tua preferência?

VASCO – Varia muito, consoante o projeto e necessidades. Tenho a maior parte dos fornecedores no norte e centro de Portugal, mas para certos projetos, gosto de usar madeira local, mas não me fecho a isso. Tenho muitos pedidos de madeira africana, europeia a que gosto de responder. Se tivesse de escolher uma madeira para trabalhar seria a Nogueira Portuguesa, tem alma própria, uma forma e desenho orgânicos e é muito “trabalhável”.

Viveste na Nova Zelândia e na Austrália, em que medida essas vivências contribuíram para o que és hoje?

VASCO – Sem dúvida. Especialmente quando estive na Nova Zelândia, em 2011. Tinha 17 anos e nesta idade absorve-se tudo o que está a nossa volta, e eu não fui exceção. As pessoas, o rugby, o país e o facto de estar muito longe de casa fez-me crescer muito e rápido. Não sei a importância que terá tido na minha atividade hoje em dia, mas sei que faria tudo outra vez! Na Austrália, com 22 anos, a experiência foi diferente: apesar de também ter sido maioritariamente focada no rugby, procurei trabalhar em arquitetura e ter uma experiência profissional que me ajudasse no futuro. Trabalhei num atelier e ajudou-me a perceber que talvez a arquitetura não seria o meu caminho.

Casas em madeira não predominam em Portugal, mas também existem. Projetar uma casa em madeira seria um sonho? A junção de várias valências?

VASCO – É mesmo. Tive uns terrenos em vista para fazer exatamente isto, construir em madeira, mas acabou por não se concretizar. Este tipo de construção começa a ganhar cada vez mais espaço na arquitetura em Portugal. Apesar de sermos um país conservador na construção, hoje em dia começamos a ver cada vez mais pessoas a edificar e projetar em madeira. Imagino um dia ter um terreno e com tempo e amigos, construir uma casa a volta de uma árvore, com relação direta com a natureza. Ter tempo para o fazer e tempo para a gozar com a família. Tenho de os convencer!

O que era para ti um projeto de sonho?

VASCO – Gosto muito do que faço e com quem trabalho, sou um privilegiado em conseguir viver do que crio e imagino. Não é um living the dream, tem as suas partes mais negativas, mas a verdade é que gosto e muito! O BARRACÃO é o meu projeto de sonho, imagino vê-lo tornar-se numa empresa maior e mais abrangente, em várias áreas da criatividade, arquitetura e crafts. Responder e atuar com originalidade.







Numa rua lisboeta marcada essencialmente por antiquários, instala-se em São Bento uma pequena galeria, onde encontramos representadas, as artes decorativas, tendo em especial destaque a cerâmica contemporânea. O espaço *Analora* é marcada por uma visão pessoal de ANNE-LAURE PIALET que vê no seu acervo tudo que ela própria gostaria de ter em sua casa. Para a galerista um casa rodeada por objetos singulares, colecionáveis de grande valor estético é um propósito pessoal que quer transmitir a todos os que se aproximam do seu novo espaço.

Vinda da china, quando se estabeleceu em Lisboa tornou a vontade de abrir galeria de arte e design um imperativo. Muito para trás ficava a lembrança de uma ANNE-LAURE, executiva parisiense a operar na área da comunicação e publicidade tendo à responsabilidade contas na área da moda e da beleza. Era um trabalho que a relacionava com criativos e que lhe abriu perspectivas de se direcionar para o outro lado, apoiando mais o trabalho artístico. Quando se mudou para a China, seguindo o percurso profissional do marido, acabou por encontrar a oportunidade, junto de um sócio chinês, de promover um intercâmbio entre artistas chineses e franceses que se apresentavam em solo gaulês e vice-versa.

Em Lisboa manteve os contactos com artistas com quem já trabalhava e procurou, agora por conta e risco, manter esse mesmo espírito de os representar em Portugal, promovendo a sua divulgação e venda dos seus trabalhos. Ter uma galeria não foi um processo imediato, começou por desenvolver eventos em casa e mais tarde estabeleceu parcerias com outros espaços. Ter o seu próprio espaço onde pudesse ter os seus artistas representados foi um passo de grande relevância. Mas não é tudo, promover os artistas obriga muitas vezes a encontrar

condições expositivas fora da galeria e a participar em certames especializados, como aconteceu recentemente na última edição do Lisboa by Design. No sentido inverso, a divulgar os artistas portugueses em França, também já é uma realidade, como aconteceu recentemente com ANTÓNIO VASCONCELOS LAPA que expôs este Verão em Cygalieres, uma cidade do sul de França.

Como jovem galerista vê o seu número de artistas representados a crescer. Recentemente acolheu um conjunto de peças cerâmicas de ARAMY MACHRY que ocupam com destaque grande parte do seu espaço. Não pretende que os artistas recebam o monopólio do espaço, as peças que entram co-existem com peças de outras artistas que representa. Apesar de prevalecerem seria redutor catalogar *Analora* como uma galeria de cerâmicas. Artistas têxteis também estão representados como é o caso de VANESSA BARREGÃO, que pela dimensão dos trabalhos que apresenta tem que encontrar condições específicas que o seu espaço atual não comporta. O desafio de outras escalas, não a intimida, são um desafio permanente porque o cliente cada vez mais procura encomendas para espaços específicos.

A programação de *Analora* é diversificada e para futuro podemos ser surpreendidos por outros media, que tenham por base a fotografia ou têxtil que estão em preparação.

texto —————> Francisco Vaz Fernandes

Analora
Rua de São Bento, 388, Lisboa
Ter. → Sex. 11h → 19h
@analorabyannelaurepillet



Almerinda Gillet



António Vasconcelos Lapa



António Vasconcelos Lapa



Vanessa Barregão



Fabienne Auzolle

UM NOVO NOME
NA MODA PORTUGUESA



Tiago iniciou o seu percurso profissional em 2017 na Modatex, no Porto e no ano passado venceu perante um júri internacional o Fashion Design Competition do ModaPortugal, que reunia finalistas de algumas das melhores escolas de Portugal, Itália, Finlândia, Suíça e Reino Unido.

Sei que iniciaste o teu percurso em moda à relativamente pouco tempo, conta-me um pouco sobre o começo deste teu percurso. Porquê moda, onde começaste, quando criaste a tua própria marca, ...?

TIAGO BESSA – Eu sempre estive ligado à moda, a minha mãe e avó tinham um atelier de costura próprio, e foi frequentando esse atelier que comecei a desenhar e a me apaixonar pela moda. Ao mesmo tempo venho de uma cidade bastante têxtil, o meu treta-avó era alfaiate, a minha outra avó trabalhava numa fábrica de costura. Contudo a maioria da minha família não queria que eu seguisse este trajeto, eu próprio comecei a ter dúvidas e andei um pouco perdido durante algum tempo. Fui até impulsionado para ciências mas não me sentia realizado em passar um dia em laboratório, então decidi ir para o que realmente queria e gostava, que era design de moda. Entrei na Universidade do Minho mas saí uma semana depois porque fui aceite no Modatex. O meu percurso começou aí. O início foi um pouco difícil e demorado porque tive que desconstruir o que achava que era roupa, mas depois de encontrar um ritmo, achei bastante proveitoso toda esta aprendizagem, que me levou a esta última coleção, a de final de curso com a qual ganhei o prémio da Moda Lisboa.

Também ganhaste o concurso da ModaPortugal do ano passado, ficaste surpreendido, como te sentiste? Qual foi o impacto do prémio na tua vida profissional desde então?

TIAGO BESSA – Quando entrei no concurso não estava à espera de ganhar, principalmente o global, estava confiante e queria muito expor a minha coleção, desfila-la, ter fotos para mostrar à minha avó. Com o prémio ganhei muito mais exposição, as minhas peças foram muito procuradas pelos stylists e consequentemente saíram em muitas revistas.

As tuas peças têm bastante pormenor, qual a inspiração e o porquê disso?

TIAGO BESSA – Eu como te tinha referido antes, tive várias influências da minha avó e mãe e do atelier delas, e elas trabalhavam principalmente em vestidos de noivas, e eu adorava todos os detalhes que elas faziam nos vestidos. Então eu acabo por me inspirar e transmito essa influência para as minhas peças, vês muito isso, por exemplo nos inúmeros botões que cada um dos meus vestidos tem.

Como funciona o teu processo criativo, desde a etapa de pesquisas ao conceito e escolha dos modelos para runway?

TIAGO BESSA – Começo por desenhar até chegar a uma ideia que eu queira seguir, depois

pesquisar bem o tema, brainstorming a partir de imagens e palavras, destas realizar colagens e finalmente desconstruir. Desta maneira consigo ter um processo limpo, sem originar cópia e conseguir chegar a algo original.

Quais foram as maiores dificuldades que tiveste no decorrer da tua carreira até ao momento?

TIAGO BESSA – No meu percurso de designer, uma das minhas maiores dificuldades era não ser autêntico, sentia-me até frustrado, queria ter algo totalmente meu, sem cópia ou pedaços de outro designer. Penso que consegui chegar a peças totalmente minhas e originais a partir do processo que te disse anteriormente e de ilustrações. Por outro lado, como as peças são muito escultóricas, tive que trabalhar muito modelação e perceber o que é possível ou não, e isso foi outra grande dificuldade minha. Sei também que por elas serem tão diferentes e volumosas, perco muito trabalho porque o meu projeto é muito mais arte e escultura do que ready to wear, e isso torna-se um desafio.

Como estás a pensar transformar/manter a tua marca sustentável?

TIAGO BESSA – Em termos de sustentabilidade, o conceito que eu tenho é muito mais haute couture, e realizar tudo por encomenda, deixando o fast fashion e o consumo extremo de lado.

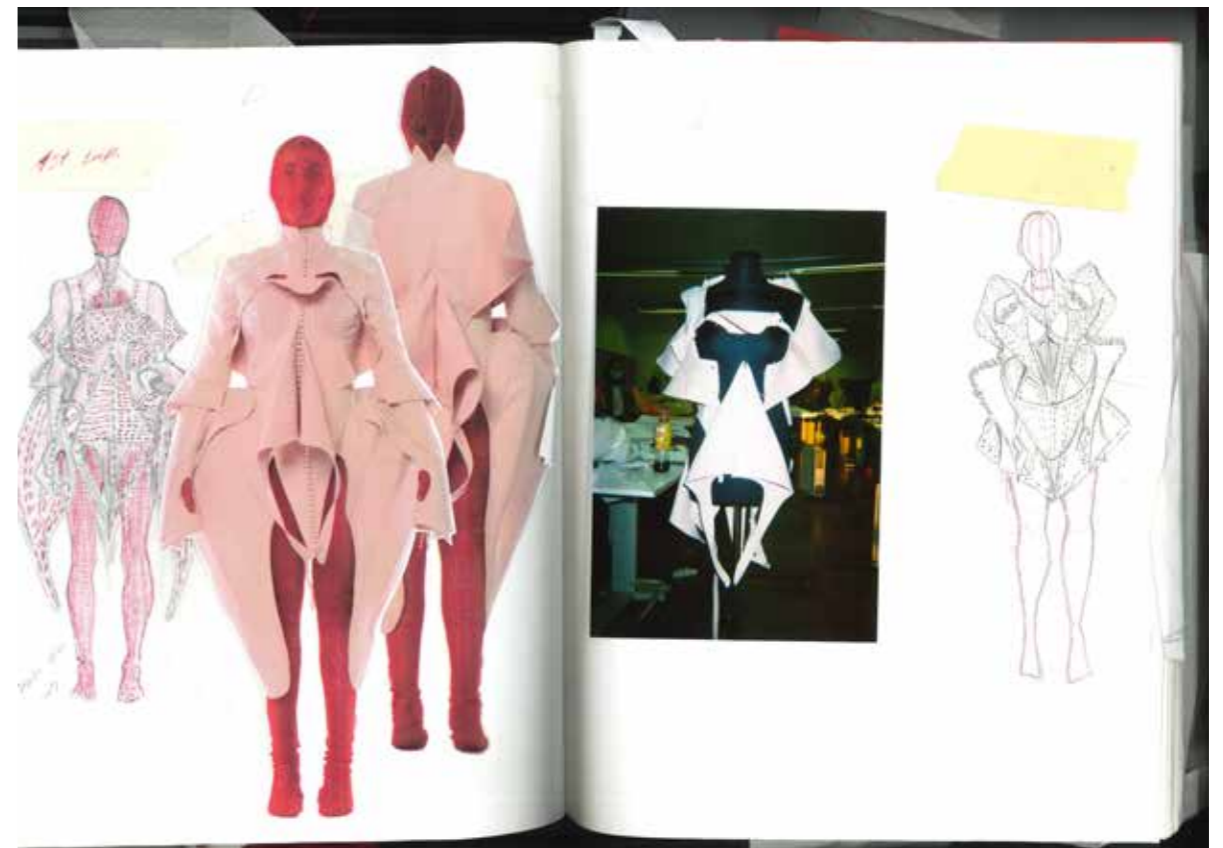
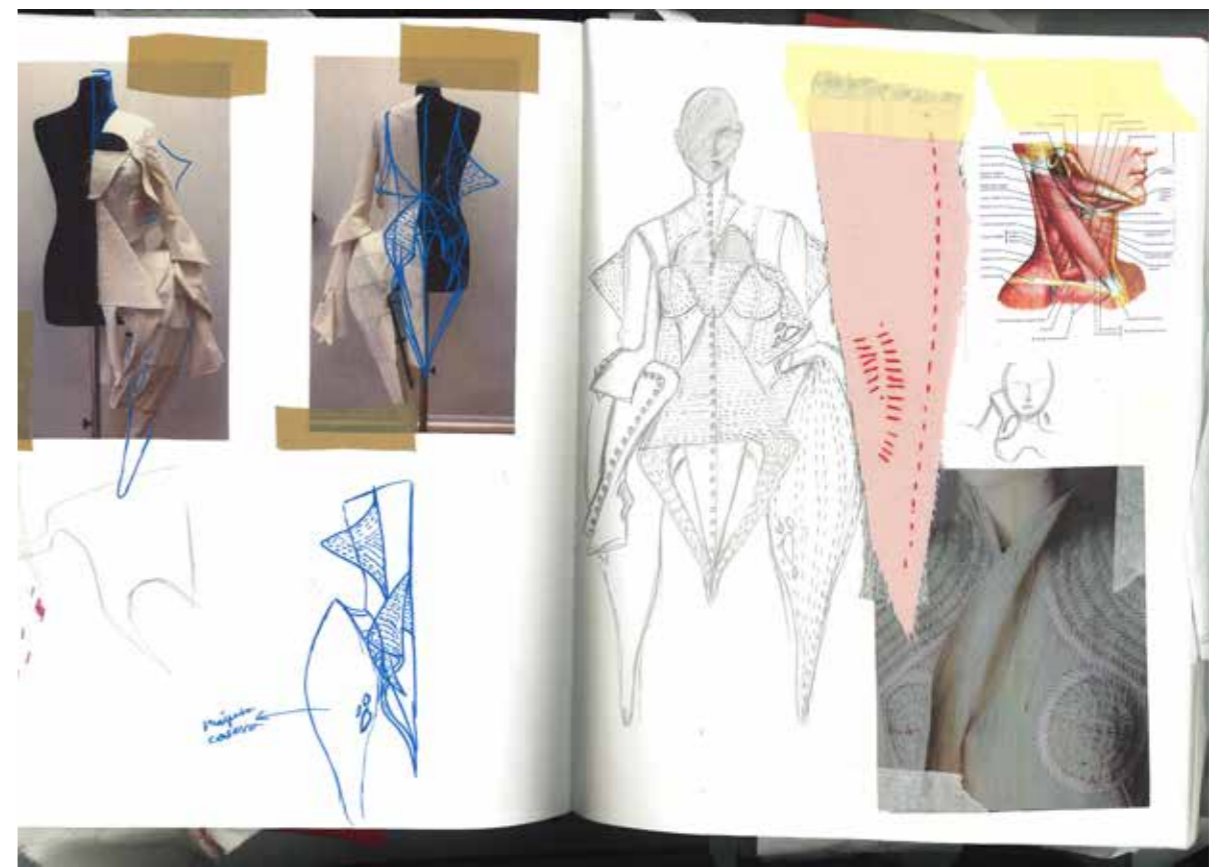
Como vês o teu futuro na moda?

TIAGO BESSA – Estou num período mais calmo da minha trajetória e isso assusta-me. Saí agora do meu estágio e quero realizar mestrado mas ainda não sei muito bem onde, ando há procura da universidade ideal.

Que dicas darias para quem está a começar ou deseja entrar na área da moda?

TIAGO BESSA – Acho que tens que insistir muito no que fazes, no que és e no que queres. Penso que a diferença do medíocre para o bom é conseguires pensar muito objetivamente no que queres e criticares-te construtivamente ao mesmo tempo. Durante a pandemia fiz muito isto, tinha muito tempo livre para pensar no que realmente queria e percebi que não estava satisfeito com o que estava a desenvolver, foi a partir daí que comecei mais a realizar colagens e desenvolver o meu processo da forma como te disse anteriormente.

Basicamente as dicas que dou são não ficarem satisfeitos com o primeiro esboço, permitir que se evolua, procurarem mais, irem além.





EPÍTOME DO
ENCANTO
PORTUGUÊS

Não foi fácil chegar até CAROLINA SOBRAL. No momento desta entrevista, é possível que a designer de 30 anos tivesse umas quatro mensagens, entre email, Instagram e WhatsApp. Contudo, quando conseguimos a sua atenção, a empatia é imediata. Duas coisas sobressaem durante estes quarenta minutos de conversa fluída: o seu trato afetuoso e riso adorável, pautado pelo sotaque nortenho de quem nasceu em Oliveira de Azeméis e agora vive na baixa do Porto.

Está na sua hora de almoço, no trabalho a full time como designer de carteiras para o grupo TIFFOSI. Antes disso, esteve quatro anos na Parfois, em função semelhante. Explica-se logo, «não é por mal mesmo, os meus amigos estão sempre a perguntar se estou viva. Nesta fase, estou com imenso trabalho, entre a empresa e a minha marca, que começa a crescer e a exigir mais de mim». Questionamos como consegue dar conta do recado, agradecidos pelo seu tempo «tento conciliar tudo, até agora tenho conseguido tudo», conta alegre.

Depois fala-nos da aventura que foi o último Portugal Fashion. A marca homónima que representa fez as honras de abertura daquela 51ª edição, num desfile junto ao Museu de História Natural e Ciência da Universidade do Porto. «Foi numa quarta-feira às 11h da manhã, um horário complicado. Mas fiquei mesmo surpreendida, foi o desfile em que tive mais pessoas. Eram 150 convidados meus entre família, amigos e clientes, sem contar, com a imprensa, organização, insiders da indústria» revela, acrescentando radiante «tive muito bom feedback do público».

Afinal, estava em casa. Ficou conhecida desse mesmo público há algumas temporadas atrás quando participou no Bloom, muito na desportiva. Não ganhou, mas ficou entre os finalistas e conseguiu a audácia que precisava para se dedicar à criação da sua marca. A formação em Design de Moda na ESAF e os estágios subsequentes em 2014 com HUGO COSTA e MARIA GAMBINA, com certeza ajudaram a decisão.

A última coleção [nas fotografias] continua, pois, o fio condutor do que tem sido o seu trabalho até aqui: uma estética muito clean, funcional, pautada pela leveza e fluidez de peças oversized como blazers, vestidos longos, túnicas, numa paleta de tons de conforto. A brincadeira surge através das volumetrias, de ocasionais apontamentos de cores energéticas ou metalizados e claro, os acessórios para “elevar o look”, como nos explica. O que a mais entusiasma? «Sem dúvida a escolha dos

materiais. É o que gosto mais e onde sou mais picuinhas. Procuo qualidade.»

O que nos leva ao tema da sustentabilidade. Mostra-se cautelosa, aqui «é complicado afirmares-te como uma marca sustentável hoje em dia, mas procuro-o através de materiais reciclados, dead stocks ou malhas com base de cânhamo. Mas também através das costureiras que trabalham comigo [o desenho e a modelagem são feitas por CAROLINA], e claro, coleções ponderadas com peças de continuidade, por exemplo». A ideia, segundo a designer é que cada mulher sinta que possui algo exclusivo, uma peça que se repete no máximo dez ou vinte vezes.

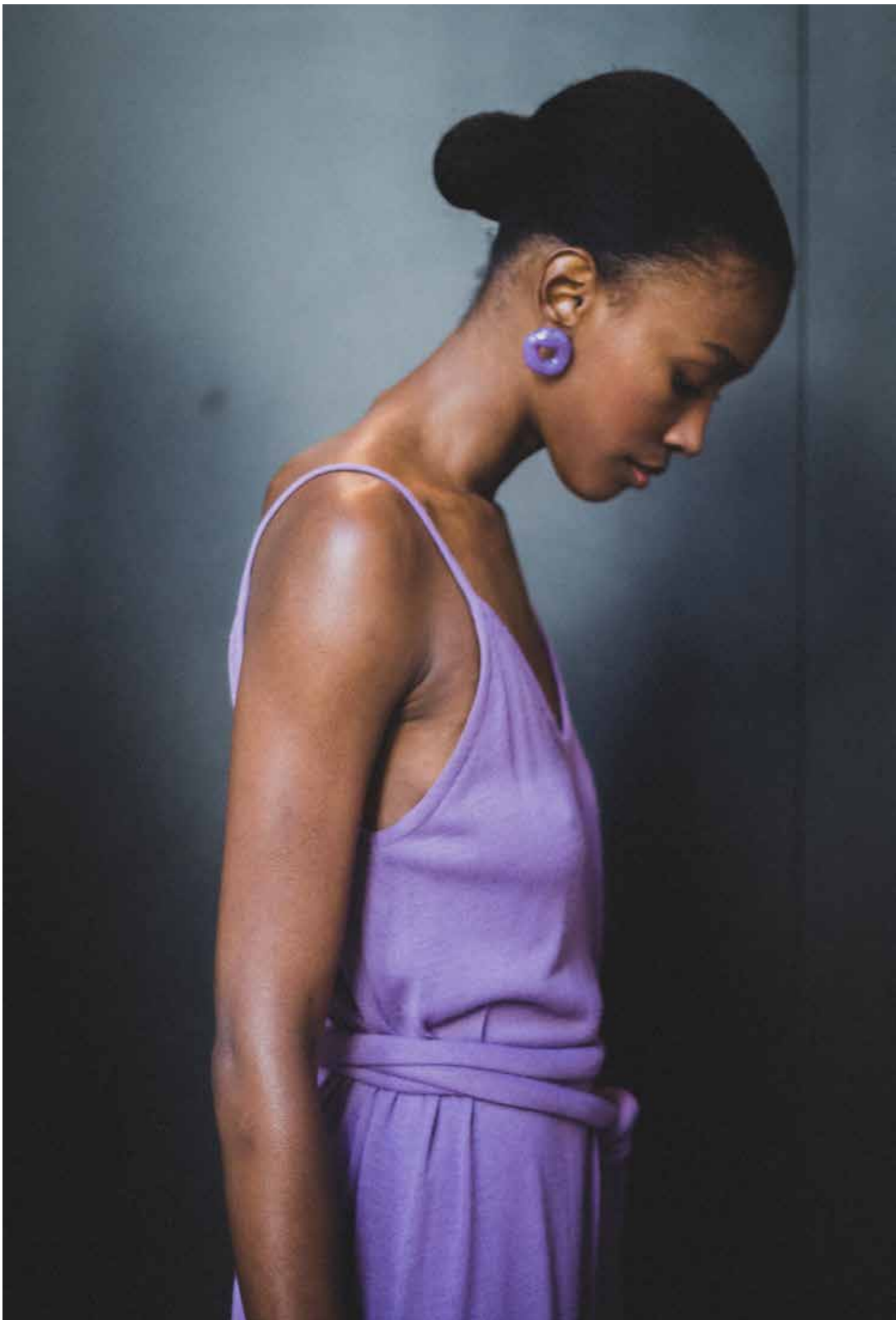
Há algo na sua estética que nos lembra *The Row*, das irmãs OLSEN. Entre risos admite, e quase conseguimos imaginar os seus olhos brilhantes, «é curioso que digas isso, adoro o trabalho delas». Outras referências encontra-as em CÉLINE — a antiga, com acento, como faz questão de afirmar — mas também JIL SANDER e BOTTEGA VENETA, algumas das suas marcas de eleição.

«O meu ideal era ter uma marca internacional, que ainda não tenho. Vendo para fora, mas é pontualmente. Isso era o que eu gostava mesmo», confessa já no final deste delicioso telefonema. Falamos mais um pouco, disto e daquilo. De como está complicado para os jovens portugueses, e sobretudo, de como é difícil para si dar o salto entre a estabilidade do agora para incerto que a sua marca pede, no fundo que o deseja mais que tudo. Até lá, é vê-la continuar a brilhar na passarela e encantar todos por quanto passa.

texto —————> Marta Vieira
fotos —————> Elisabeth Teixeira









TRIBE

Nesta coleção outono-inverno 2022 a linha *Tribe* canaliza a mesma expressão ousada através de logótipos e estampas irreverentes, ligados aos famosos desenhos de PIERLUIGI ROLANDO. A coleção alia silhuetas icônicas com os grafismos inspirados nos anos 70 e numa interpretação contemporânea da moda de rua, com silhuetas oversized, tecidos cuidadosamente selecionados e detalhes únicos. Os fatos de treino em malha desportiva são alguns dos grandes focos desta coleção, seguidos pelos coletes em malha do cabo e casacos insufláveis, tanto para eles como para elas. Para complementar os looks da coleção *Tribe*, a FILA destaca em termos de calçado a atualização da silhueta *Retronique*, que se apresenta nesta estação como *Retronique 22*, tanto para homem como para senhora, bem como os favoritos *Reggio* também para eles e para elas. A coleção feminina dá ainda foco aos modelos de cano mais elevado *Cityblock* e *Sandblast*, perfeitos para a estação fria.



texto —————> Maria São Miguel

YOU MUST WEAR



A TOMMY JEANS convidou MARTINE ROSE, a designer britânica conhecida por trazer o imaginário do streetwear para o fashionwear, a desenhar uma coleção cápsula inspirada no estilo americano tendo por base o seu arquivo com grandes tradições no sportswear. MARTINE ROSE propôs então uma coleção “no gender” que é uma fusão do ADN de ambas as marcas, criando o label *Tommy Jeans x Martine Rose*. Nascida de uma afinidade mútua por roupa desportiva, esta coleção cápsula é composta por essenciais modernos do guarda-roupa que fundem o estilo streetwear com detalhes de um estilo mais preppy.

A coleção é composta por 35 peças que procuram ser inclusivas e muito inspiradas nos anos 90 da TOMMY HILFINGER mas agora atualizadas a partir da lente de MARTINE ROSE. Ou seja, cores vibrantes e jogos gráficos em peças oversize, muito inspirados no universo do streetwear. Os principais itens incluem o bomber jacket, hoodie, puffer e casacos remisturados com detalhes pop e padrões com a assinatura de MARTINE ROSE.

«Colaborar com MARTINE tem sido inspirador e realmente deu-me um empurrão a nível criativo», diz TOMMY HILFINGER. «Adoro quando um designer pode entrar e pôr o seu próprio toque nas nossas peças de arquivo. A coleção é requintada e única, e realmente destaca o quão experimental e out-of-the-box o trabalho de MARTINE pode ser».

TOMMY JEANS x MARTINE ROSE

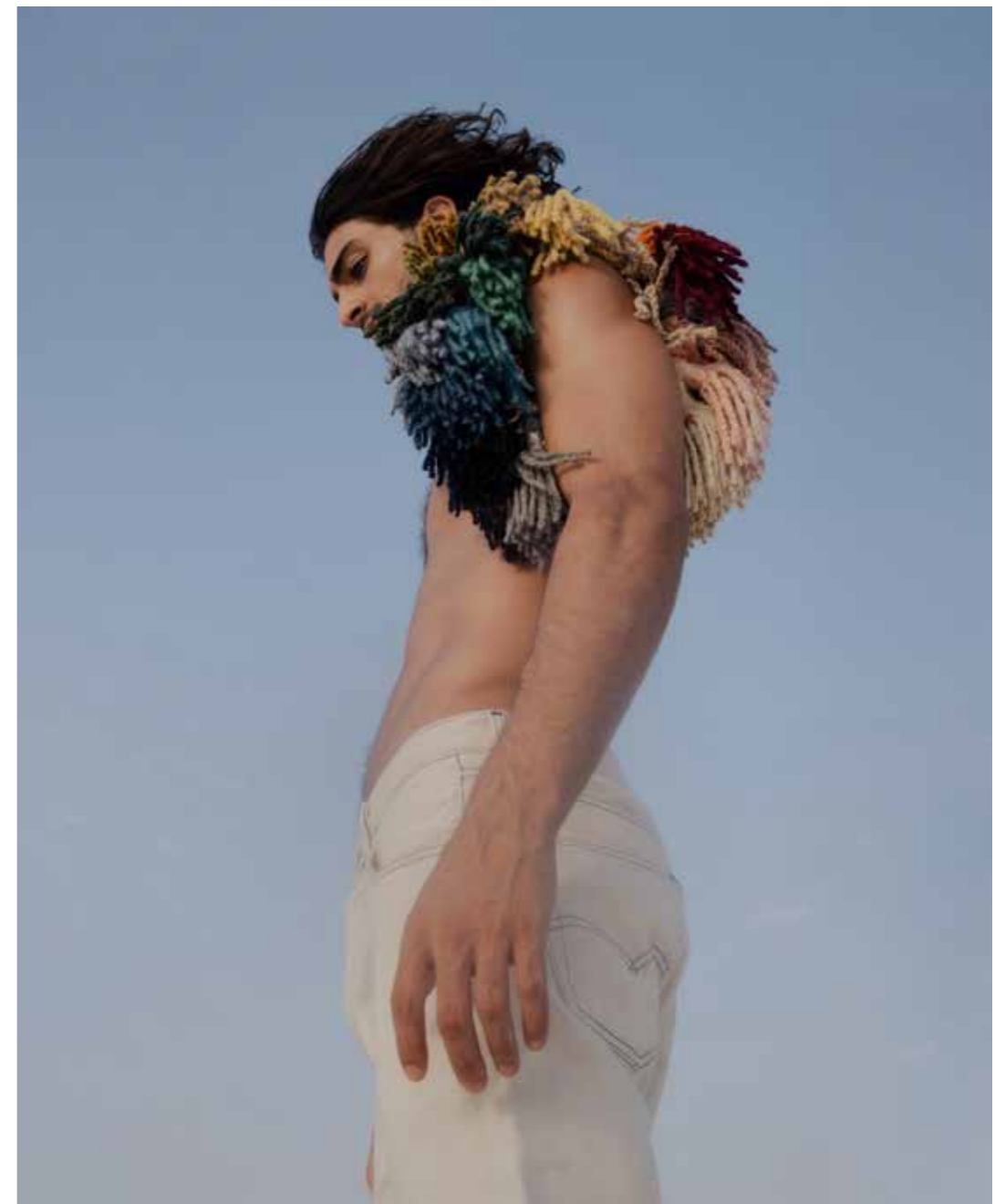
texto —————> Maria São Miguel

YOU MUST WEAR



A LEVIS colabora com a marca israelo-palestina ADISH, que combina silhuetas modernas com técnicas artesanais tradicionais da região. Esta primeira coleção, foi criada através da utilização de stock parado de *Levis Chore Jackets* e de *Levis 501 Original*, sobre os quais foram feitos bordado manual *Tatreez* e foram aplicados detalhes de tecelagem *Bedouin* criados por comunidades de mulheres artesãs de territórios ocupados tanto da Palestina como de Israel. A nova coleção *Levis by Adish* é composta por 4 peças gender neutral. Cada peça é única e apresenta padrões que refletem o dia-a-dia da Palestina, com elementos alusivos a produtos domésticos, a animais de quinta, à colheita da azeitona e eventos importantes da vida, tais como o casamento e o luto. Estes elementos retratam memórias sentimentais como: cheiros, sabores e sons que inspiram a marca ADISH.

LEVIS
x
ADISH



texto —————> Maria São Miguel

YOU MUST WEAR



75



YOU MUST WEAR

PALLABROUSSE

Ào resistir ao teste do tempo durante mais de 75 anos, a PALLADIUM tem estado intimamente ligada à Legião Estrangeira Francesa durante décadas. A marca francesa de calçado, PALLADIUM, foi fundada em 1947 sob os auspícios da Legião Estrangeira Francesa que solicitou botas leves, técnicas e resistentes a todos os tipos de terrenos, como a selva ou o deserto.

Sendo 2022 um ano de aniversário, a PALLADIUM quis criar umas *Pallabrousse* —o design original das botas PALLADIUM— muito especiais para celebrar as origens da marca e desta relação de longa data com a Legião Estrangeira Francesa. Para colecionadores e fãs da marca, este mesmo modelo original ainda numa coleção super limitada com apenas 1947 pares numerados em todo o mundo, com 20 destinados a Portugal, que estarão à venda em exclusivo no El Corte Inglés de Lisboa e no site www.palladiumboots.pt.



texto —————> Maria São Miguel



BOLD

A BIRKENSTOCK lança uma nova coleção, versão premium dos seus modelos clássicos *ARIZONA* e *BOSTON*, exclusivamente para o target masculino. A coleção *Bold* agora com revestidos com pelo entra no mercado de heritage menswear seguindo os pilares fundamentais da marca alemã, qualidade e tradição. Para celebrar este lançamento, a marca alemã apresenta uma campanha focada no artista californiano VINCE SKELLY, um artista cujos valores estão perfeitamente alinhados com os da BIRKENSTOCK. VINCE SKELLY cresceu em Claremont, Califórnia, local onde vive e trabalha atualmente. A cidade, que tem uma herança cultural incrivelmente rica no chamado mid-century, tem sido um íman para artistas que ali tem estabelecido residência. VINCE, também se identifica com design do mid-century e com a arte modernista em geral especialmente nas referências que traziam das culturas primitivas. Apaixonado pela madeira produz peças que relembram totens porque segundo o artista, representam e têm algo de natural e profundo.

texto —————> Maria São Miguel

EARTH

O LOEWE *Botanical Rainbow* é uma coleção vibrante de nove famílias de fragrâncias que abrangem um conjunto de emoções, humores e atitudes, bem como aromas masculinos, femininos e universais. Cada perfume é inspirado por um elemento ou fenômeno encontrado na natureza, que também se reflete na cor de seu frasco. Esta estação junta-se num novo elemento a esta família de fragrâncias a LOEWE *Earth*. Com o seu vibrante frasco malva. LOEWE *Earth* é inspirado nos elementos que conectam a natureza, impulsionando a vida acima e abaixo do solo, do atmosférico ao tangível, do visível ao invisível, unificando os mundos interior e exterior. Floral, âmbar e almiscarado, LOEWE *Earth* reflete essa conectividade com notas de trufa —uma maravilha simbiótica que vive abaixo do solo— bem como pera, mimosa e violeta.

texto —————> Sara Madeira



MAGNOLIA

Magnolia Infinita é a nova fragrância vibrante da coleção *Signatures of the Sun*. Uma coleção que selecionou ingredientes de todo o mundo, capturando a sua riqueza e libertando luz através do prisma olfativo de ACQUA DI PARMA e da sua GOLDEN FRUIT. Os ingredientes mais refinados tornam-se protagonistas de aromas fortes, mas ao mesmo tempo delicados, dando a sensação de experienciar um ingrediente conhecido como se fosse a primeira vez, num esplêndido caleidoscópio de emoções.

INFINITA

texto —————> Maria São Miguel



Adorada pela primeira vez por fotógrafos profissionais pela sua construção de alta qualidade, controlo de abertura manual e lentes incrivelmente nítidas, a point-and-shoot Contax T2 tem uma relevância cultural contínua e fãs notáveis entre as principais vozes criativas, incluindo JUERGEN TELLER, SOFIA COPPOLA, DANIEL ARSHAM e FRANK OCEAN. É o regresso da fotografia analógica começando pelos grandes clássicos. A Farfetch lançou uma coleção limitada com combinações de cores para quem gosta de modelos mais exclusivos.

texto —————> Maria São Miguel



A ELECTRA BICYCLE COMPANY começou por fabricar bicicletas cruisers de praia, mas é hoje muito mais do que isso. A ELECTRA disponibiliza bicicletas e acessórios nas lojas de ciclismo do mundo inteiro, e é parte de um movimento que incentiva as pessoas a deixarem os carros e a andarem de bicicleta. Os acessórios mais recentes foram concebidos para que as viagens dentro e fora da cidade se façam com todo o estilo e conforto. De inspiração retro, os punhos, o selim e o saco demonstram a mestria clássica do que se fazia nos anos 40 e 50. Produzidos com couro artificial preto e castanho, são acessórios intemporais, absolutamente essenciais para qualquer ciclista exigente.

texto —————> Maria São Miguel



SOUND
STATION

MUCHO FLOW



Sofia Birch

NO MUCHO FLOW '22

Em 2012, Guimarães tornava-se uma das Capitais Europeias da Cultura e, dez anos mais tarde, ainda podemos usufruir dos incentivos dados e das infraestruturas anteriormente criadas. A Revolve, promotora, agência e editora vimanarense, escolheu há nove anos atrás esta cidade para acolher o seu festival.

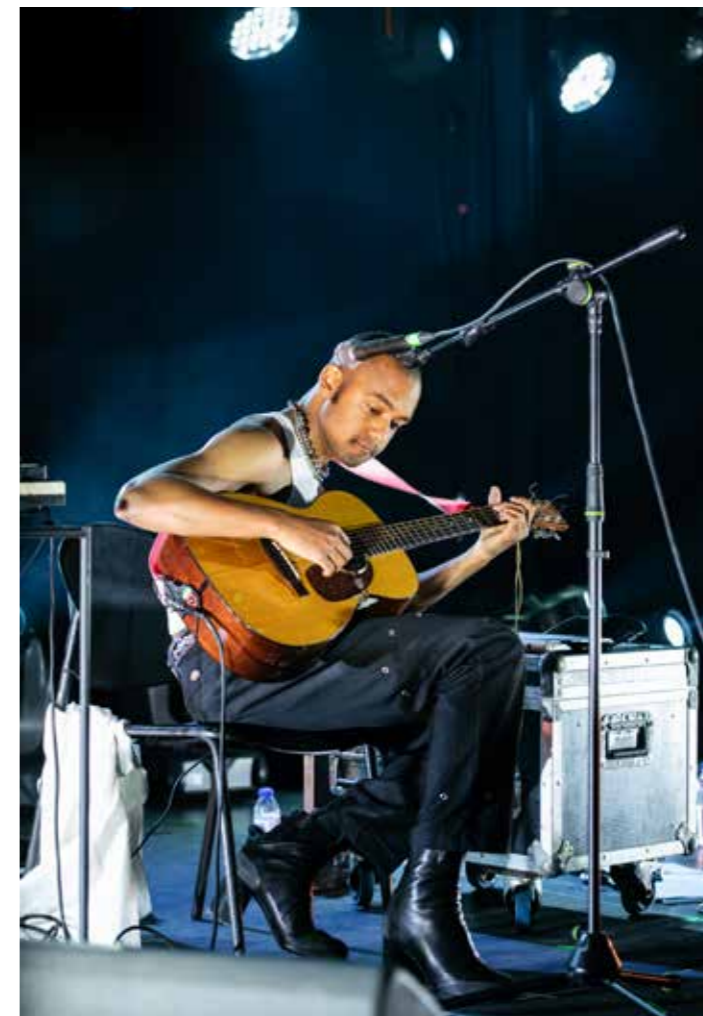
Mucho Flow, no passado dia 4 de novembro, abria as portas para a sua nona edição com a atuação de SOFIA BIRCH no Centro Internacional das Artes, onde estava em exibição uma exposição do artista que dá nome ao Centro, JOSÉ DE GUIMARÃES. Ao lado da exposição, encontrávamos a Black Box, onde BIRCH entra em palco com um barrete de veludo, feito por PERNILLE LEHNERT. A primeira impressão transmite-nos conforto, que procura manter nas notas que

ia tecendo com um dos sintetizadores. Tinha 5 máquinas em palco, vários shakers, sinos de sementes Pagi e um Koshi, com os quais ia criando um espaço seguro nos imaginários da audiência. Com panorâmicas, marimbas e sonoridades naturais, remetia-nos para um lugar de meditação. A fauna e a flora estavam presentes em gravações de sons de árvores, água, aves e insetos. O som dos shakers, o Koshi juntos com as melodias dos sintetizadores em diferentes camadas, guiavam-nos para diferentes dimensões. No microfone que se encontrava do lado esquerdo da mesa central, onde tinha os sintetizadores, cantou uma música. A artista não apresentou o seu mais recente álbum, *Holotrópica*, contudo, cria uma ambiência idêntica: um ecossistema capaz de conectar os nossos microcosmos ao macrocosmos, onde conseguimos sentir a nossa própria leveza.



George Riley

No Teatro Jordões, GEORGE RILEY abria a pista com o seu R&B/Soul, misturado com instrumentais de UK garage, Jungle e Bass. Acompanhada apenas por uma SP 404, um controlador para a voz e dois microfones, GEORGE RILEY vai hipnotizando a pista do Teatro Jordões com a sua voz que, comparando com a versão de estúdio, ao vivo, é ainda mais doce. Este ano, a artista lançou já quatro trabalhos na sua página do Bandcamp, tendo sido a primeira *Interest rates, a tape*, onde encontramos a música com que iniciou o espetáculo: *I. how are you?()*. Esta primeira música, numa levada mais jazzy, preenchida pela sonoridade de um teclado Rhodes, com uma batida bastante subtil, deixando a voz de RILEY protagonizar a performance. A sua voz tem bastante soul e groove e vai cativando o público ao longo das músicas. Trocava de instrumental para instrumental, escolhendo a música a dedo na sua 404. Viajando entre batidas mais Hip Hop, como *Jealousy*, (um dos singles de *Running In Waves*, a última mixtape que lançou), ou outras com uma pegada mais R&B, como *Sacrifice*, num andamento mais acelerado e preenchido com breaks, vai aquecendo a audiência com *Fantasy*. Antes de cantar a música *Money*, GEORGE interage com o público e, reconhecendo que poucas pessoas conheciam o seu repertório e que as que conheciam estavam ainda tímidas para o cantar, faz um pequeno jogo: “when I say ‘I want money’ you say: ‘I need it’; and then on the second ‘I want money’, you say ‘give it to me’”, o público lentamente ia aderindo mas claramente sentia-se mais confortável apenas a dançar.



Slauson Malone 1

SLAUSON MALONE 1 apresentou-se de seguida com uma guitarra acústica, um computador e a companhia de NICHOLAS JOHN no violoncelo. Vestia uma camisa branca por baixo, umas calças pretas com brilhantes que combinavam com o cinto repleto de brilhantes e o colar prateado, nos pés calçava umas botas de salto alto. Com a voz modificada, ia brincando com gravações. O violoncelista vestia um fato escuro e os pés estavam descalços. Nesta performance, desenhada e interpretada por JASPER MARSALIS, o autor mostra que o rap pode ganhar várias dimensões. JASPER salta para o público dizendo “what time is it?” e ouve-se o tic tac de um relógio antigo. O violoncelista que tocava antes notas perceptíveis agora faz apenas barulhos estridentes. Entre pizzicatos, ricochete com as cerdas ou battuto col legno (batendo com o cabo nas cordas), o violoncelista acompanhava o mood da performance. O vocalista cai propositalmente em cima dos subs (as colunas que estavam na frente do público). Continua a performance, voltando a tocar guitarra, mas desta vez toca em pizzicato, como se estivesse a tocar um

contrabaixo. Samples e voz distorcida novamente. É uma intensa viagem à volta das suas emoções enquanto homem negro e queer. Regressa ao ritmo boom bap, com laivos de Lo-Fi. O violoncelista passa-lhe o arco e ele toca guitarra com este. Voltam a trocar e tocam a última música.

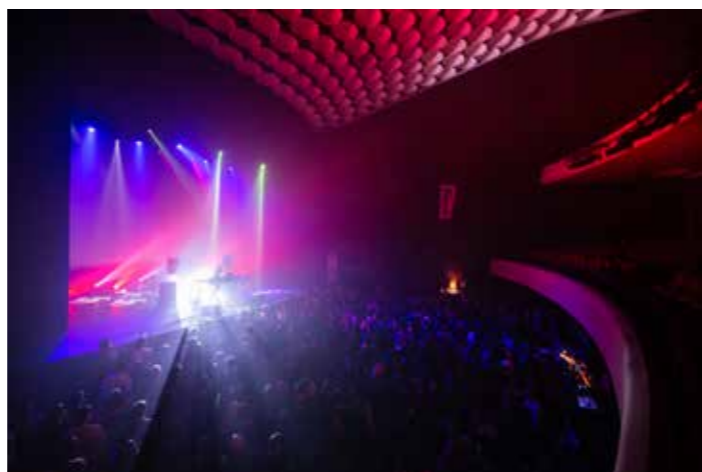
O concerto seguinte foi o de MARINÅ HERLOP, que se apresentou vestida com um catsuit lilás, uma jóia que unia as orelhas e a cana do nariz, sugerindo a armadura de uma guerreira. Tinha ainda o cabelo entrançado, que se enrolava à volta do pescoço. Num teclado Alessis, vai entoando as primeiras notas, tocando nuns drum pads da Roland (que eram ora sub bass, ora kicks, ora texturas rítmicas) e cantando em simultâneo. No chão, de um computador, iam saindo as linhas de baixo e as back vocals. A sua formação clássica é notória, principalmente quando toca teclado e canta. O vibrato, espontaneamente criado pela sua voz, ajudava a criar a atmosfera mágica que caracteriza o álbum que apresentou, *Pripyat*, editado pela editora discográfica sediada em Berlim, PAN.



Slikback

Acabado o concerto, seguimos para o Centro Cultural Vila Flor, onde SLIKBACK, após ter trocado o slot com AYÁ por consequência de atrasos nos voos, fez um DJ set de trap, techno e bass, usando muitas camadas de white noise e distorção. O produtor keniano deixou o público do CCVF a suar e com água na boca por mais rave.

No Centro de Artes e Espetáculos São Mamede, POLY CHAIN abriu a pista com um live de techno e acid, controlando várias máquinas diferentes e ainda com o auxílio do computador. Após este concerto, AYÁ finalmente consegue subir ao palco. Lamentando o atraso do voo, apresentou-se de quispó e óculos de sol. Inicia o seu live seguindo o mesmo alinhamento do concerto dado no MUPA 22, retirando a meio do concerto o quispó e expondo o seu místico vestido. Desceu também para o público na *OoB Prosthesis* e acabou num ritmo mais acelerado.



Poly Chain



Jockstrap

De seguida, o duo berlinense SCHWEFELGELB fez um live de techno industrial e electroclash. O DJ OTSOÁ fechou a noite com um DJ set carregado de acid, electro e techno, acabando com o clássico *It feels so good* de SONIQUE.

No dia seguinte, regressamos à Black Box do CIJG, onde LUÍS FERNANDES apresenta um live bastante intimista, com muito noise, ambient e drone. Depois de LUÍS, FÁUZIA subiu ao palco com um computador e uma violoncelista, KLÁRÁ. A artista londrina conhecida pelos seus DJs sets e produção de drum and bass e jungle, aventurou-se na produção de ambient com um toque de RnB. Na sala escura, apenas com uma luz vermelha alaranjada, vai cantando em instrumentais quase sem batida e quando esta existe é muito calma. A violoncelista ia tocando ora com o arco ora em pizzicato. A artista ainda não publicou nenhum álbum, contudo, tem algumas músicas disponíveis na sua página do Youtube e do Soundcloud, onde podemos ouvir *It's ok*, com a qual acabou o concerto.

RÁINY MILLER abriu o palco da cave do Teatro Jordões com o seu drill e rap experimental, carregado de auto-tune. Entre berros, murmúrios e lamentos, vivemos uma emocionante e intensa performance. Moin deram o concerto seguinte, onde pudemos ver post-punk a ser tocado com uma MPC. Os ILL CONSIDERED fecharam os concertos neste palco, onde um baterista, um baixista e um saxofonista levaram a plateia ao êxtase e ao único mosh pit do Mucho Flow.

JOCKSTRAP, no CCVF, trouxeram o pop londrino até Guimarães, num intenso concerto onde TAYLOR SKYE tocava teclas, máquinas de ritmo e ainda manipulava a voz de GEORGIA ELLERY, que tocou também guitarra e violino. BLACKHÄINE ocupou o palco no slot seguinte e provou que é um homem da performance. O músico e coreógrafo demonstrou a sua dramaticidade através da poesia cantada e do movimento. Desceu para junto da plateia, andando no meio desta a cantar. Volta a subir para cima do palco e acaba este espetáculo de drill experimental, saindo ele, RÁINY MILLER e o DJ, que esteve durante o concerto todo a tocar de costas viradas para o público.

Mais uma edição em que o Mucho Flow conseguiu trazer um cartaz eclético, levando a Guimarães o melhor da música contemporânea, desde o jazz à música de dança mais desconstruída. Tanto se pôde deitar, relaxar e meditar ao som de concertos ambient, como pular e fazer mosh pit em concertos de eletrónica e, para minha surpresa, de jazz. Houve ainda momentos mais contemplativos, por exemplo, no concerto de MARINÁ HERLOP, onde a artista conseguiu hipnotizar a plateia e levar as pessoas para o seu universo. Aguardamos ansiosamente pelo cartaz de 2023.

texto —————> Tatá Seixo Garrucho
fotos —————> João Octávio Peixoto

JOKKOO



A LUTA POR UM MUNDO MAIS IGUAL

Durante o MUPÅ, festival de música na plânice, de Beja, a PÅRQ teve a oportunidade de conhecer melhor dois membros do JOKKOO COLLECTIVE: MOBDJ e BÅBÅ SY. Fruto da urgência de divulgar música eletrônica avant-gard e da diáspora africana, JOKKOO foi criado em 2017 e está sediado em Barcelona. BÅBÅ SY, logo no início da conversa, explica-nos que JOKKOO é uma palavra em Wolof, língua falada na África Ocidental, nomeadamente no Senegal, de onde o artista é originário, cujo significado é conexão, entendimento. Este coletivo, composto exclusivamente por artistas negres, é responsável por variadas curadorias de festas e festivais, têm também programas e tocam em várias estações de rádio, produzem música e um dos belíssimos exemplos disso é a *Jokkoo Mixtape*, lançada em novembro de 2020. Possuem um estúdio e além destes dois DJs, também fazem parte IKRÅM BOULOUM, MOOQUIE, BÅMBÅ e OPOKU.

MÅGUETTE DIENG assina como MBODJ os seus trabalhos enquanto DJ, produtora e selector. Já passou por grandes festivais como o Sónar (Barcelona), o Primavera Sound (Barcelona, Laut), Boiler Room Festival (Barcelona), Nyege Nyege (Uganda), entre muitos outros, assim como já pisou várias casas de renome da capital da Catalunha, como a Sala Åpolo e o clube Razzmatazz. «Hoje em dia, toda a gente conhece e ouve música africana, mas no que toca a música mais underground, não é tão conhecida. Então o nosso foco é na música alternativa da diáspora.» Ås frequências baixas que tocava atraíam para junto do PÅ o tímido público do MUPÅ, tal como as sereias atraíam os barcos para rochedos que os naufragavam. Mas, neste caso, em vez da perdição, o público obteve a sua salvação. Como canta RÅJÅNE MÅGLOIRE: *Last Night a DJ Saved My life*, e MBODJ tem cumprido a sua missão. No seu set ouvimos variados géneros musicais, como Trap, Bass, Dub e ggom.

Tem sido bastante vocal, dando ênfase às suas intenções políticas na indústria musical, como podemos verificar nas alegações que faz ao Primavera Sound: «My fantasy is to decolonize the ears, but also to colonize the public spaces... So I would love to see people out of the institutions to have the power to create music experiences in places where they could not easily have access because of their political validation». Para a artista, a existência de coletivos exclusivos de pessoas negras é bastante importante, pois a presença de artistas afrodescendentes na organização de eventos ou nos palcos acaba por atrair pessoas das mesmas identidades, criando assim uma comunidade una que combata a desigualdade.

«Å missão da JOKKOO é para Åfrica. Ås pessoas latinas têm a vibe, têm conexão com Åfrica, tocam música africana, criam novas sonoridades como Baile Funk, nós trabalhamos com toda esta música. Não tocamos techno de Berlim, por exemplo, porque não é a nossa luta. Å luta de JOKKOO é música não europeia, porque as pessoas europeias têm

agências, plataformas, tecnologias e estruturas, as pessoas africanas e latinas que fazem isto não têm. E a energia da JOKKOO é essa mesmo, de criar boa vibe, boa música, sem impor género» conta-nos BÅBÅ SY. O DJ e produtor fechou a noite, continuado no mesmo registo, porém mais DOOM e com BPMs mais acelerados, chegando a passar pelo techno e o industrial. Uma das faixas que tocou foi *Soul of Miratejo* do produtor e DJ da Margem Sul DJ DORÅEMON, publicada pela já extinta CusCus Discus. No final, ficamos com água na boca por mais atuações de JOKKOO nos palcos portugueses.

texto —————> Tatá Seixo Garrucho
fotos —————> João Rosa

KADY



KADY é uma cantora que mistura a tradição e a modernidade, através de canções que ora nos levam até Cabo Verde, ora trazem Cabo Verde até nós. Nesta entrevista, vamos saber mais sobre o conceito de morabeza, os motivos que a levam a honrar as mulheres negras e o peso da sua família para se desafiar a fazer música.

Em primeiro lugar, o contexto desta conversa. O novo EP de KADY *LUMENARA* (2022), é uma viagem sónica que nos leva de Cabo Verde até ao agora – fresco e cheio de bangers que dão vontade de repetir assim que acabam. Foi ao falarmos sobre este projecto, que começámos a falar também sobre morabeza, uma forma de estar do povo cabo-verdiano que leva a abrir portas e partilhar refeições com os outros.

Porquê? Porque o EP de KADY foi feito dessa forma, de portas abertas para músicos que admira também participarem.

Foi durante a pandemia, mas se não fosse a pandemia não tínhamos este disco porque provavelmente estaríamos a fazer outras coisas. Fizemos um campo criativo em que toda a gente ajudou.

O DODJE e o DINO DE SANTIAGO são grandes referências para mim e pessoas muito importantes na minha vida e esse álbum aconteceu muito por causa deles. Conte também com o TOTY SAMED e com o GERSON

MARTÁ. Não sabíamos o que é que ia acontecer. Fomos lá, do zero, criar as melodias e as músicas. Mas tivemos visitas de outros músicos, como da CAROLINA DESLANDES.

A família de KADY tem um longo percurso na música Cabo-verdiana. A mãe dela, TEREZINHA ARAÚJO, fundou o grupo SIMENTERA, dedicado à recuperação da tradição do país. A tia-avó, LILLY TCHIUMBÁ, participou na edição de 1969 do Festival da Canção. Pergunto-lhe se este passado é um conforto ou um desafio?

Os dois. Ajuda a tentar ser melhor, a evoluir. É um desafio porque as expectativas são altas, mas acho que é mais vantajoso do que é desafiante.

Quando lhe pergunto se a pressão de vir de uma família com um enorme património musical vem mais da família ou dos fãs, KADY dá a volta à resposta e lembra-me de que a pressão pode vir de outro sítio diferente. Literalmente, da minha frente, onde a KADY está.

Eu acho que principalmente por mim, sou a primeira a pôr limites. Às vezes é muito coisa da nossa cabeça, porque o público está aberto ao que tens para dar e é importante que estejas por inteiro e sejas verdadeiro no que estás a entregar. Às vezes essa limitação vem de mim.

De dentro? Wow, temos de falar de saúde mental então.

Eu tenho uma mente muito forte porque estudo muito sobre a saúde mental, então ganho consciência. Quando tenho muita ansiedade, já tenho consciência de que estou com ansiedade. Acho que se tivermos consciência de como estamos, procuramos ajuda e tentamos ultrapassar a condição.

Eu vejo uma ligação entre esta força de que a KADY partilha comigo e a ideia de avó e mãe fortes que reconheço de outras entrevistas dela. Pergunto-lhe se a ideia de empoderamento que está presente em várias músicas do seu novo EP está relacionado com estas mulheres fortes com que cresceu. É uma consequência, quero dar continuidade a esse legado, mas também é uma necessidade. Eu sou uma mulher negra numa sociedade europeia e eu sinto na pele o que eu estou a cantar. Quis dar a voz às pessoas que estão num lugar onde não são vistas ou ouvidas. Ainda hoje há homens e mulheres com a mesma posição numa empresa e a mulher ganha menos. E o mérito onde fica?

Escrever músicas que possam ajudar mulheres negras a darem mais valor a si mesmas foi um grande objectivo meu e uma meta nestas músicas e nestas letras. A música do *Nha Cabelo* surgiu porque eu estava numa fila para ir fazer o teste de Covid e estava uma menina negra à minha frente com a avó que era branca. Eu tinha o cabelo molhado e ela disse à avó que o meu cabelo era tão bonito e que ia ter um cabelo assim quando crescesse. E a avó diz “o teu só se crescer para cima.”

Não pude fazer nada porque tinha Covid, mas ficou no meu inconsciente tentar falar sobre este assunto e senti necessidade de ajudar através da minha música.

Quando falamos sobre educação e estudos, KADY partilha uma visão própria deste assunto e uma que será decerto partilhada por quase todos – acho que a educação vem de casa, o que não falta são pessoas com cursos superiores, mestrados e tudo, e depois não são capazes de agir com educação. Também me diz, acerca de ser mãe e com graça e razão, que não é só ensinar a proteger as mulheres, mas também os limites que os homens devem respeitar.

Eu conto à Kady que cresci com cabo-verdianos e descendentes de cabo-verdianos e que considero essa partilha cultural uma grande felicidade na forma como fui criado. Tento levar a conversa para uma ideia de cabo-verde enquanto estado de espírito e a KADY brilha nas suas considerações sobre este tema.

Lá está, aquela nossa palavra morabeza significa exactamente isso – há uma forma de acolher cabo-verdiana, uma ideia de que há sempre a porta aberta para quem passa, mais um prato de arroz e mais um prato de Cachupa para oferecer. Há sempre essa vontade de receber que é muito própria do povo africano, mas o cabo-verdiano é realmente conhecido por essa morabeza.

Pergunto à KADY se houve uma intenção de tornar este EP mais contemporâneo, porque essa frescura é algo que se sente na música. Aliás, se esta era a intenção dela com o projecto, como é que conseguiu fazê-lo?

Em primeiro lugar, é preciso ter a intenção de querer fazer isso. Eu digo esta frase em todas as entrevistas, mas há uma frase da NINÁ SIMONE que diz que o artista deve reflectir o seu tempo. E se nas mensagens eu achava que já estava a reflectir o meu tempo, eu quis fazer isso também a nível musical. Quis trazer as minhas raízes e honrar a minha ancestralidade, mas trazer isso para o mundo em que estou, onde convivem com pop e hip-hop. Foi fazer uma fusão da música tradicional cabo-verdiana com um universo mais pop.

Esta mistura de referências, um caldeirão cultural, leva-me a perguntar sobre esta Nova Lisboa sobre a qual DINO cantou, onde influências se podem cruzar e criar algo belo a partir daí.

Sinto muito isso. Está a transformar-se nisso. Senti isso depois de ter participado no Festival da Gulbenkian que foi o Lisboa Criola, onde toda a comunidade estava junta. Isso não é algo assim tão comum, infelizmente. Achei que era um bom ponto de partida.

Em mim, há a influência de muitos lugares porque estou a viver em Lisboa. Se estivesse a viver em Cabo Verde, talvez não tivesse a influência de Angola e da Guiné-Bissau com tanta força como estando a viver em Lisboa. Realmente existe essa mistura.

Para acabar, lembro uma história divertida que a KADY me contou acerca da sua ida ao Colors, gravado em Berlim. Conto pelas minhas palavras, porque o meu iPhone decidiu empancar nesta parte da entrevista e tudo o que tenho é a lembrança da história contada pela KADY.

Em Berlim, no Uber que chamou para ir para estúdio, teve a sorte de conhecer um condutor simpático de origem árabe, que partilhou referências de música com ela e que apontou religiosamente as dicas que a KADY lhe deu a ele. E no último dia, ao ir para o aeroporto, teve a surpresa de apanhar o mesmo senhor. Ele disse-lhe que nunca tinha apanhado duas vezes a mesma pessoa na cidade de Berlim.

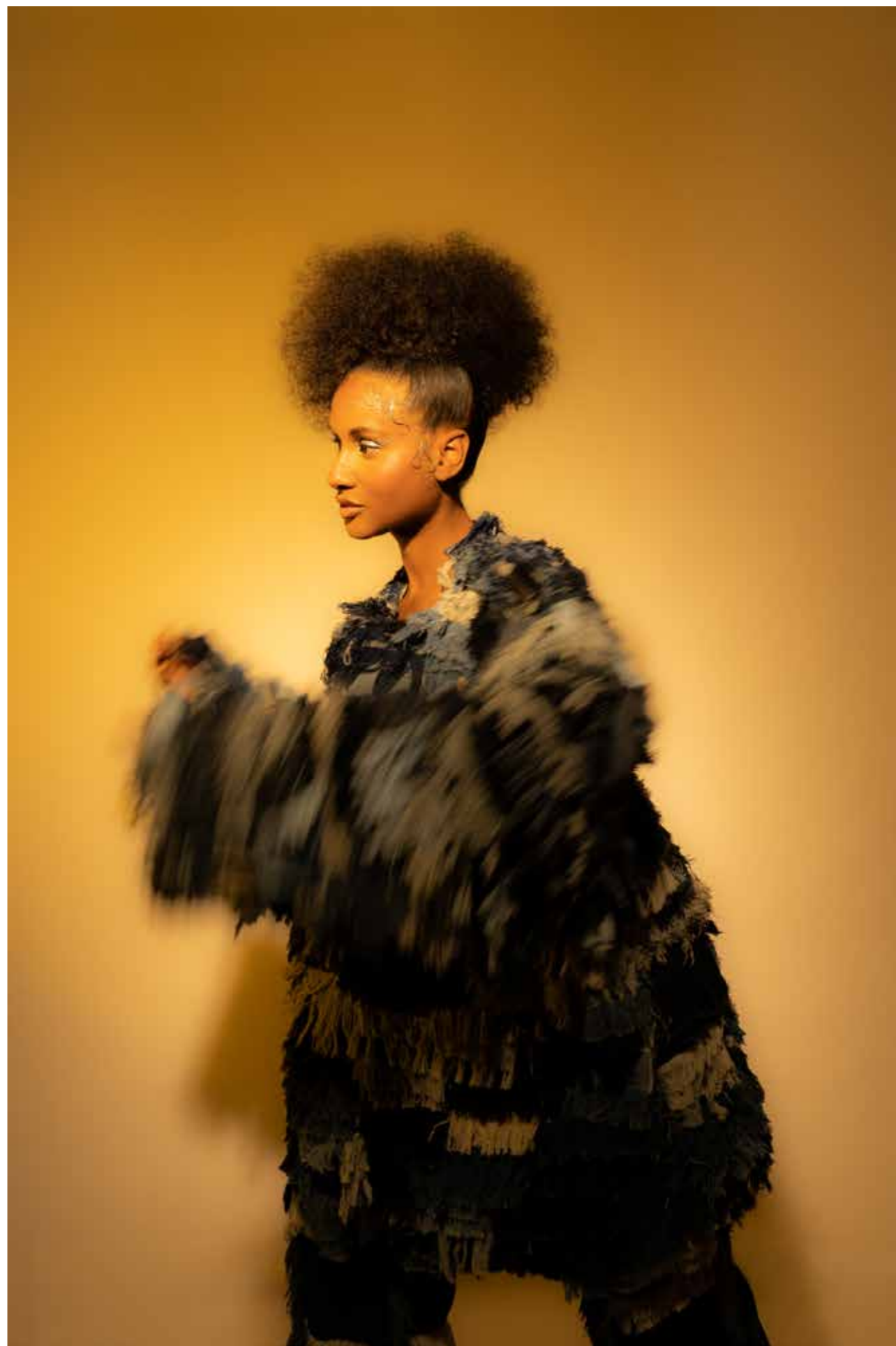
Aqui em Lisboa, ficamos com a sensação de que também não vamos apanhar uma artista como a KADY mais nenhuma vez. E isso é digno de ser celebrado, através da sua presença, claro, mas sobretudo através da sua música.

texto —————> Alex Couto
fotos —————> @anigroeg.ph
ass.fotos —————> @tiagomllopes
styling —————> @mafaldaamartins_ ass.styling
make-up —————> @matildedreis
hair —————> @philipa_semedo
Agradecimentos a @TIC_.



vestido LIDIJA KOLOVRAT
ear pieces ANA VASCONCELOS

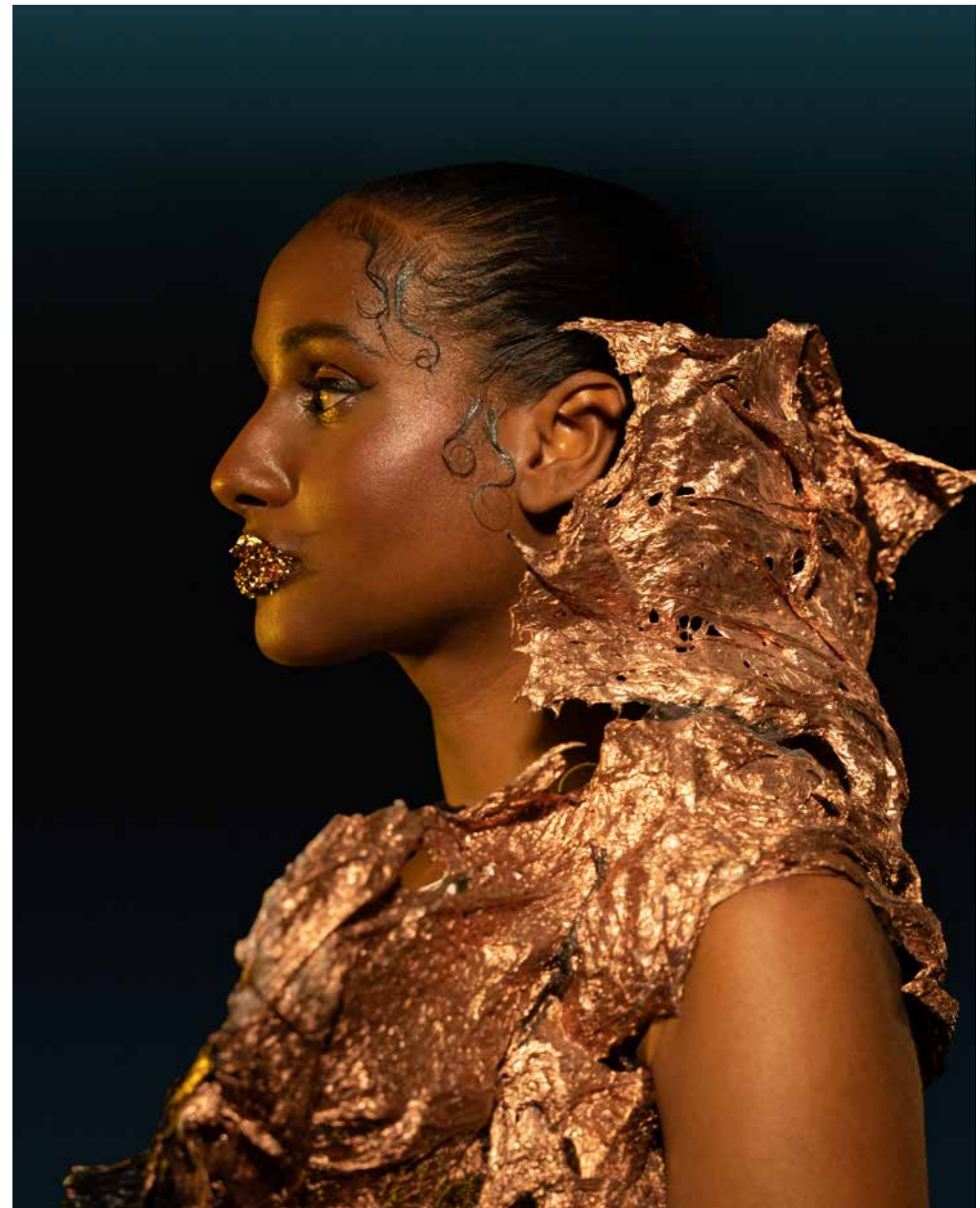




casaco e calças DĀRYĀ FESENKO



chapéu e anéis ANA VASCONCELOS
top INTRACOLLECTIVE



shoulder piece TATÁ ART JEWELRY

BE YOUR SELF.

DING

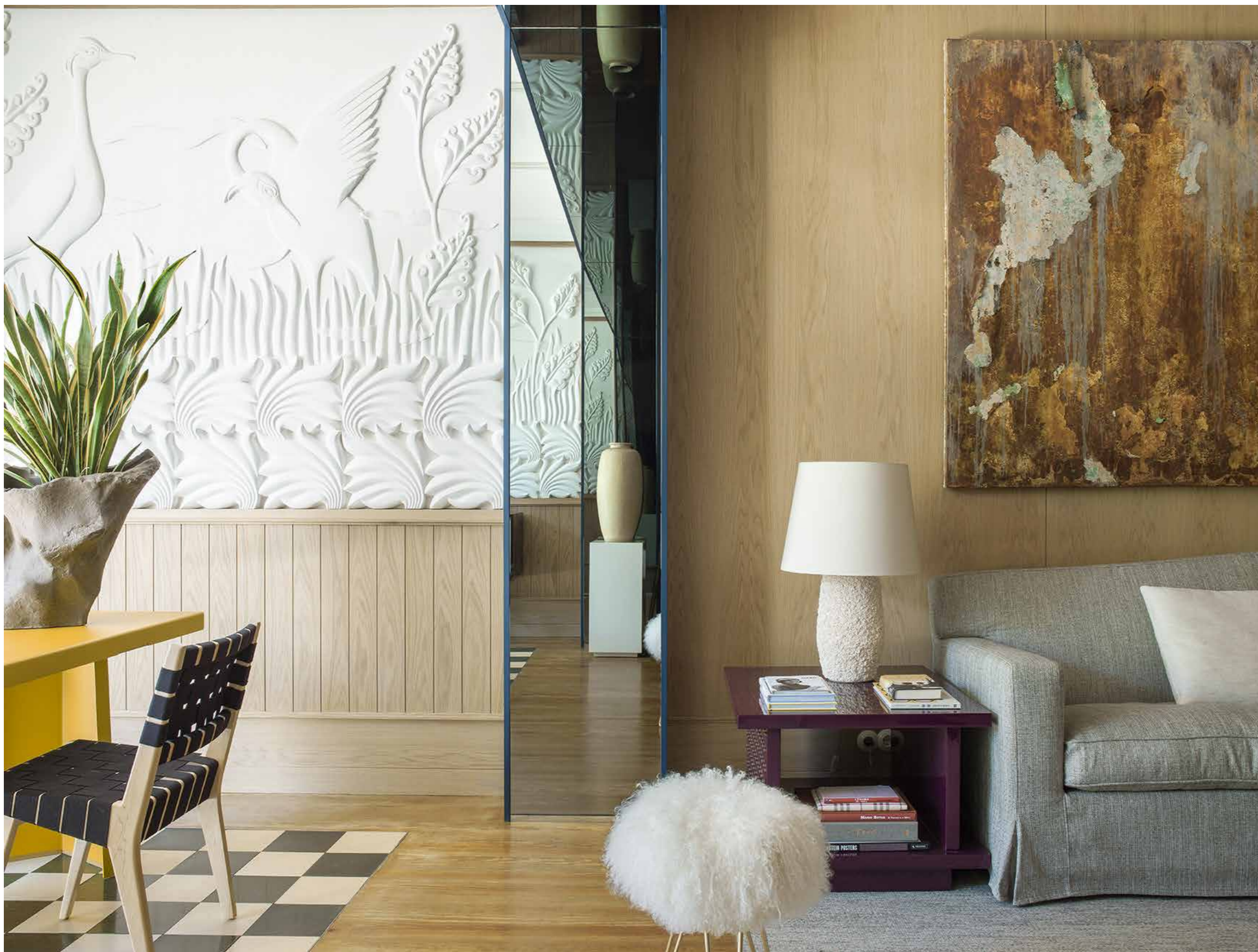


loja Ding Dong em Matosinhos ©Montse Garriga ↑

DONG

EVERYONE IS
ALREADY TAKEN.





pertencem ao catálogo da DING DONG. Com vista para a rua, acaba por ser uma sala de receção e também uma primeira imagem do universo da empresa. Olhando para cima, temos os escritórios. É onde tudo acontece e por lá já circulam 12 elementos incluindo 5 arquitectos que fazem pulsar o propósito inicial de criar uma empresa que fosse muito transversal em termos de serviços que a arquitectura e o design de interiores tem para oferecer. Por isso acabam por estar a sempre a piscar o olho ao campo das artes, da música, da perfumaria e das antiguidades, a todos os campos que possam enriquecer a sua visão. Entrando no life style estamos num campo sem limites. Como costumam dizer com humor, «fazemos projetos de “chave na mão” em que o cliente entra e as camas estão feitas, há comida e bebida no frigorífico». É entrar e viver o sonho.

Encontrei-me com MICHAEL e DAVIDE na sua espaçosa nova loja e sentados em cadeirões lacados a negro desenhados pela DING DONG, a conversa saiu fluida. Brindamos a boa disposição a um final de dia solar de outono.

Começando então pelo início. A DING DONG nasceu em Portugal em 2012, em pleno clima de resgate financeiro com o mercado em retração e pouco optimista. Muitos consideravam difícil e arriscado qualquer investimento nesse momento. Contudo, MICHAEL e DAVIDE apercebiam que não existiam em Portugal muitas empresas com trabalho concreto no mercado premium e que a procura existia, era real. MICHAEL, arquitecto, já tinha apalpado esse terreno, por duas experiências anteriores que trazia de passagens por ateliers de arquitectura. DAVIDE, tinha estudado engenharia do ambiente e iniciou a sua vida profissional numa grande construtora onde o mercado de luxo também lhe era próximo. Dividiram os papéis e a direção criativa ficou entregue ao MICHAEL passando a direção financeira a DAVIDE «A nossa formação ser distinta traz à empresa e aos trabalhos que desenvolvemos uma transversalidade que se tem revelado muito positiva. Complementámo-nos no dia-à-dia e no trabalho, o que é de facto uma mais-valia no resultado final dos trabalhos. Isso é uma certeza!»

Quem só conhece más experiências entre sócios admira a cumplicidade entre o MICHAEL e o DAVIDE, uma amizade e convivência que perdura e já vinha de há muitos anos, muito antes de estarem juntos na DINDONG. Conseguiram alimentar um projeto comum com o mesmo rigor e o cuidado que tem em geral com os outros fora da vida profissional. DAVIDE diz que tudo foi possível por serem muito diferentes mas com um sentido de humor muito semelhante. «O que nos faz rir às gargalhadas das coisas mais simples. Viajamos e aprendemos juntos, a maior parte das vezes, sem conseguir distinguir se estamos a trabalhar ou de férias.» MICHAEL acena afirmativamente... «É das referências comuns que nasce a DING DONG, não como uma procura, mas sim como uma descoberta e consequência natural.»

A DING DONG, empresa de arquitetura e de interiores, faz 10 anos e para celebrar a felicidade desse percurso resolveram mudar de espaço, porque a família de MICHAEL MIRANDA e DAVIDE GOMES não para de crescer. Instalados em Matosinhos num antigo armazém que requalificaram, inauguraram de uma só vez, uma loja que se encontra no piso térreo onde podemos encontrar diversificados produtos de design que



↑
casa em Miramar ©Montse Garriga



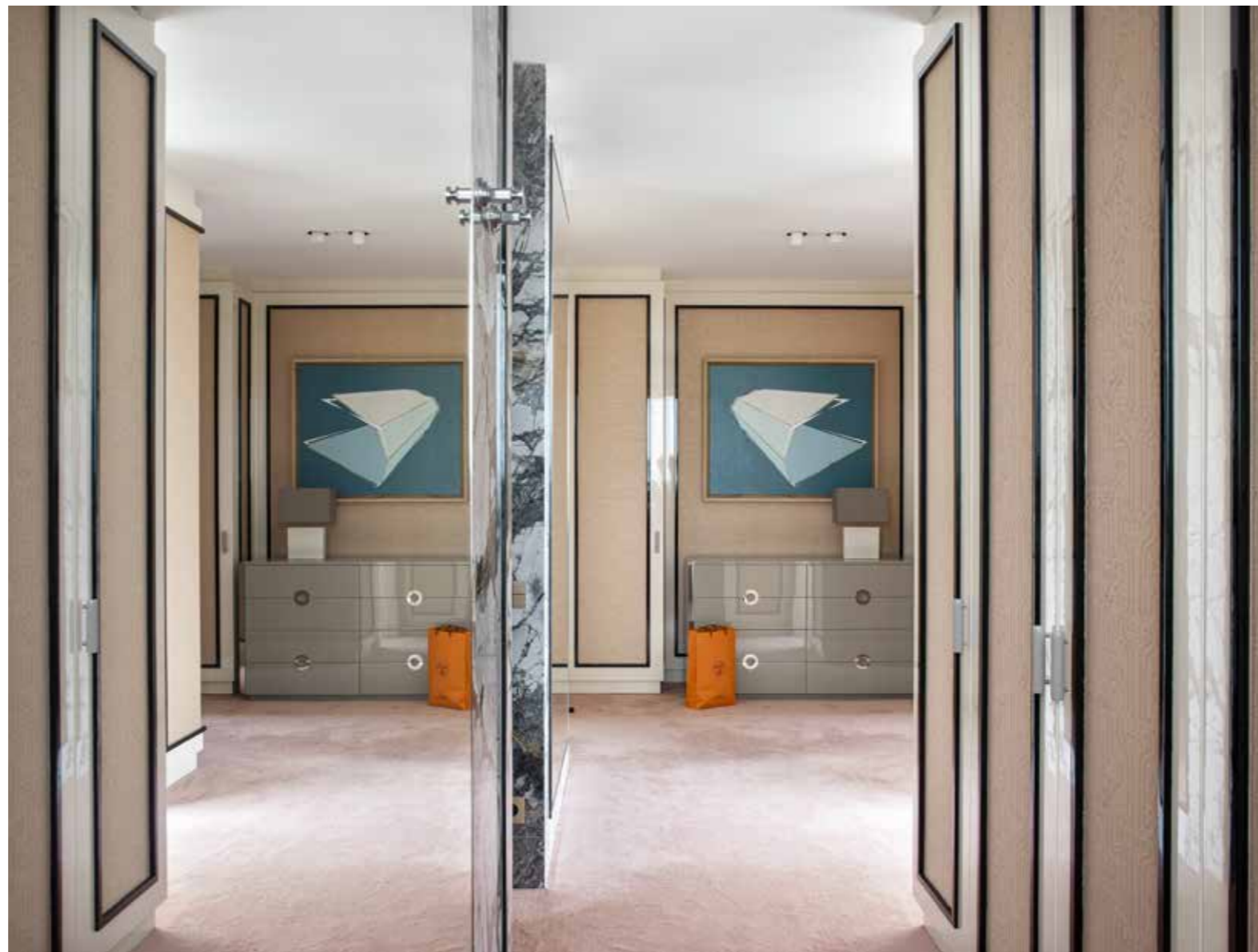
Pergunto, mas dado esse clima adverso inicial nunca entraram em Pânico? Respondem, «Pânico!, Mas isso é todos os dias, aprendemos a viver com ele.»

Podemos dizer que começaram em grande, onde a sorte e os contactos também contaram e acabados de instalar-se no seu mercado ainda antes de saberem que fazer a vida já tinham em mãos duas grandes moradias no Algarve. Foram projetos muito importantes e ambiciosos para uma empresa que estava a começar a dar os primeiros passos. O principal foco do atelier é a criação de projetos de arquitetura e de interiores. Operam tanto em projetos de habitação privada, como em espaços comerciais e hoteleiros, construídos de raiz, ou de reabilitação. Tanto podem ser projetos “chave na mão”, em que o atelier tem total controlo sobre o projeto –do início ao fim da construção, como projetos em que opera enquanto consultor e em que, portanto, presta um serviço de apoio criativo numa dada fase do projeto a um determinado cliente, seja ele um particular ou grupo empresarial.

No percurso de 10 anos sentiram que a estrutura que criaram ganhava solidez passando para o plano internacional. Fizeram um apartamento em Nova Iorque, depois outro em Miami e outro em Luanda. Mais recentemente fizeram o showroom londrino de uma conhecida marca de tecidos. Fora ou cá dentro já tem muito para contar, mais do que seria suposto concretizar em 10

anos e por isso sentiram a necessidade de contar a sua versão num livro “a viagem” que se tornou uma espécie de balanço, onde estão representados os principais projetos. Apesar de nunca perderem o foco mediático sendo mencionados nas revistas especializadas de arquitetura de interiores, toda essa informação estava avulsa e faltava um livro que condensasse o trabalho da DING DONG. Recentemente aventuraram-se na área da perfumaria com o lançamento do Perfume *Welcome Home Fragance* mas abertura de uma loja em Lisboa e outra em Matosinhos constituem os novos marcos na vida da jovem empresa.

Arrisco-me a perguntar, Em termos de arquitetura e design de interiores, consideram que tem um estilo? Começam por referir que «Humor e Surpresa são elementos fundamentais como ferramenta de trabalho.» Depois também consideram que os fatores que os distinguem é precisamente a mobilidade... «Hoje estamos em Lisboa, amanhã em Nova Iorque e por aí fora... Depois disso, o nosso trabalho deve falar por si. A nossa identidade é um reflexo natural do compromisso que estabelecemos com a originalidade e a criação equilibrado com o conhecimento da História e o respeito pelo passado. Misturamos estilos, matérias, texturas e cores com sofisticação e uma grande dose de rigor, para obter um resultado que se quer contemporâneo e elegante, mas sempre descomprometido e confortável.»



Mas tendo um volume de trabalho tão considerável não deixo de exprimir a minha perplexidade de terem tido o desejo de abrir lojas. Primeiro em Lisboa agora Matosinhos onde podemos encontrar peças de mobiliário e decoração de diferentes tipos, que integram os seus próprios projetos mas que se podem comercializar nas lojas. «Sentimos necessidade sobretudo de disponibilizar ao público em geral a nossa seleção de peças que de outra forma só estavam disponíveis em projeto. Democratizamos o acesso às nossas peças e as nossas escolhas.» Já desenharam um pouco de tudo, ... «não por uma lógica de que tínhamos que atingir determinados patamares, peças, públicos», como explicam, porque o desenho próprio surge quase sempre de uma necessidade. Peças que tiveram que ser desenhadas para terem características e escalas muito específicas para determinados espaços e que olhando bem podiam ter um segundo nascimento. «Quase sempre as peças que entram em “catálogo” DING DONG foram produzidas para um projeto específico e que mais tarde vêm a integrar um conjunto de peças nossas e são comercializadas em loja», dizem. Contudo esta lógica parece começar a ganhar outros contornos porque este ano foi produzido para a loja uma coleção de exterior *Echo* é uma pequena coleção de puxadores decorativos que não resultavam de uma necessidade específica para um projeto. Para 2023, o catálogo vai crescer e já anunciaram o lançamento de uma coleção de peças cerâmicas que conta com candeeiros e jarras.

Com a loja e o canal de comércio on-line, também disponibilizam produtos exclusivos que resultam de serem representantes de alguma marca em Portugal. Contam com a FERMOIE (tecidos), a VAUGHAN (iluminação), a LACQUER COMPANY e a marca francesa VERONESE. Também estão a desenvolver parcerias com algumas marcas desenhando tapeçarias, iluminação.

Com tantas referências que foram surgindo na conversa fico curioso sobre os criadores que gostam de citar. Pretendo que seja uma resposta rápida, emocional sem terem que pensar muito o que gera um rápido desacordo e sentimento de injustiça mas lá ouço falarem dos arquitectos, GIO PONTI, CARLO SCARPA, PIERO PORTALUPPI, LE CORBUSIER, MIES VAN DER ROHE, PHILIP JOHNSON, LUIS BARRAGÁN e dos decoradores JEAN-MICHEL FRANK, BILLY BALDWIN, WILLIAM HAINES, FRANÇOIS CATROUX e artistas LUCIO FONTANA, DAVID HOCKNEY, JEAN COCTEAU, JOHN CURRIN, ELISABETH PEYTON.

À final a lista ia longa e para rematar, MICHAEL MIRANDA acaba por citar, OSCAR WILDE –“Be your self. Everyone else is already taken”– uma das suas verdades absolutas para além de todas as referências que possam ter.

texto —————> Francisco Vaz Fernandes

DESIGN

Ainda assim, pensando numa certa linguagem comum que penso encontrar tendo em vista o que posso ver a web site da DING DONG onde estão apresentadas algumas obras realizadas, insisto, o estilo é importante? «Para nós o Verdadeiro Poder do Design ou da Arquitetura esta na sua Alma...construída com coragem, energia e dedicação. Parece tão simples e é tão difícil.»

É a identidade do Cliente onde fica?... Respondem «É um esforço e uma descoberta que fazemos a cada projeto. Quem são? Quem querem ser? Como se mostram aos outros! Como gostam de viver? Quais são as suas necessidades? Quem vai lá viver, são os clientes e não nós. Tem de ter a sua identidade própria. Evidente que para isso, é bom trabalhar com pessoas que também se identificam com a DING DONG e com o que temos vindo a desenvolver...»

109



↑ casa no Restelo ©Montse Garriga

DESIGN

108





↑
casa na Quinta do Lago ©Pedro Lobo
112

DESIGN



113

DESIGN



↑
casa no Chiado ©Cláudia Rocha



↑
casa QL3 ©Pedro Lobo
115

MOR



Num apartamento particular, situado em Lisboa, na Avenida de Berna, foram apresentadas, no mês de Novembro, as mais recentes criações da editora MOR, *Design Made Simple*.

O primeiro encontro com o espaço da exposição MOR realizou-se por meio do vislumbre de um candeeiro, fixo, sobre a parede, que dimanava uma luz, quente, e densa. Facultada por uma auréola de luz amarelada sobre a parede, a debruçar a orla do objeto.

A forma era circular e o olhar detinha-se sobre a sua superfície convexa. O efeito marmoreado era fino, cerca de oito centímetros. A espessura era tão reduzida que deixava passar a luz, trespassando

as manchas que atravessavam a superfície curva. Uma luz, um planeta, um sonho ancestral, passava a mente. Um lugar cósmico, e espiritual, impunha-se sobre esses objectos suspensos.

A experiência enviou-nos/reportou-nos para as imagens que vemos, quando somos presenteados com um grande planeta, através das grandes lentes telescópicas, mas com a diferença aqui, de que podemos demorar o olhar e saborear manchas que nos aludem a mundos distantes e fantásticos. Os objectos podem ter uma utilidade, mas também podem ser evocadores de outras possibilidades. Podem fazer-nos sonhar, jogar, evadir-nos da realidade e das coisas mundanas, ou até invocar histórias, ou memórias.

Longe vai o tempo em que, no design, se suprimia e reprimia a biografia do objecto, ou, por outras palavras, se anulava a referência histórica, ou ainda, a sua relação com o lugar e com a tradição – e até com a materialidade, isto é, a aceitação da propriedade natural dos materiais, das suas características próprias. Em vez de os tentar domar, é deixar que eles próprios tomem o seu rumo, e trilhem o seu caminho. PEDRO SOTTOMAYOR, ao contemplar as suas próprias peças, comentou: “Estas peças trazem o tempo com elas... por camadas, é impressionante”.

A pedra, mais especificamente o mármore, traz o registo do tempo, tempo longo e remoto. As peças *Furna*, de ENÉIDA LOMBE TAVARES e JOÃO XARÁ, repensam a tradição num lugar de primeira linha. Longe do tempo em que as artes e ofícios e o design viviam de costas voltadas e se considerava que o artesão não tinha nada a oferecer ao designer, e vice versa. As coisas mudaram quando, do artesanato, se começou a observar que poderia ser um forte aliado do designer, um valor acrescentado, e uma solução para a sustentabilidade. Muito pelos materiais da região e o saber cultural local.

A MOR transmite um princípio de relação entre artesão e designer, de respeito mútuo e partilha de saberes. Há um diálogo, e um enriquecimento de ambos os lados (Pelo menos era assim que deveria ser). OCTÁVIO PÁZ dizia-nos: “Se o artesão tem a possibilidade de diálogo, de interlocução, o designer ganha nesse contacto, não só uma sabedoria empírica popular, como também um mercado de trabalho, até agora insuspeitado”.

A industrialização criou o design, mas também afastou o corpo do design, da manipulação da matéria, do fazer usando as mãos. Numa comunhão entre o belo e o útil, que para PÁZ são “inseparáveis”, “o belo é belo porque é útil”.

“A beleza chega por acréscimo, como os cheiros e a cor às flores”.

Paz dava o exemplo da representação da “mão da mulher” no período do barroco, dizia: “é bela por ser de carne e osso, não de marfim, nem prata, não porque resplandece mas porque agarra”.

Tomemos como exemplo as peças *Furna*, em vime, de ENÉIDA LOMBE TAVARES e JOÃO XARÁ. São trabalhadas com as mãos pelo artesão, as suas tramas vão formando imprevisíveis ondulações. Ao encostar os filamentos à pedra, o artesão também vai enformando a peça com a ajuda da própria planta dos pés. Em simultâneo, com as mãos, aconchega, e enforma o vime. Com o esforço, os pés do artesão vão-se arqueando, e com a ajuda da pedra, vão curvando a matéria até aparentar uma concha irregular. Pés e mãos, em simultâneo, trabalham a matéria, e criam a tal relação do corpo com o objeto, que o artesão possui e que se foi perdendo ao longo do tempo.

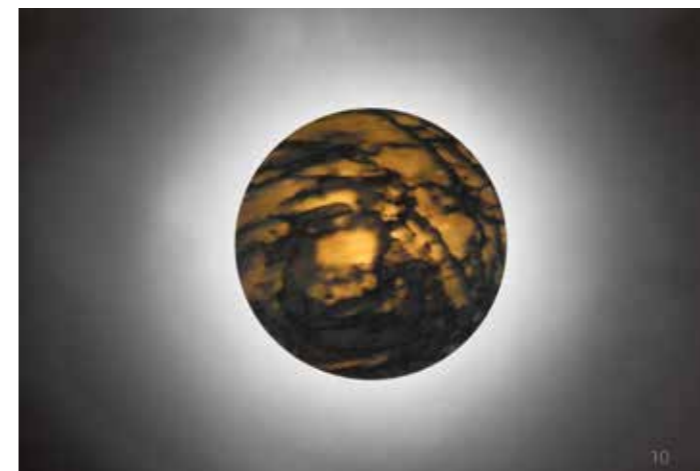
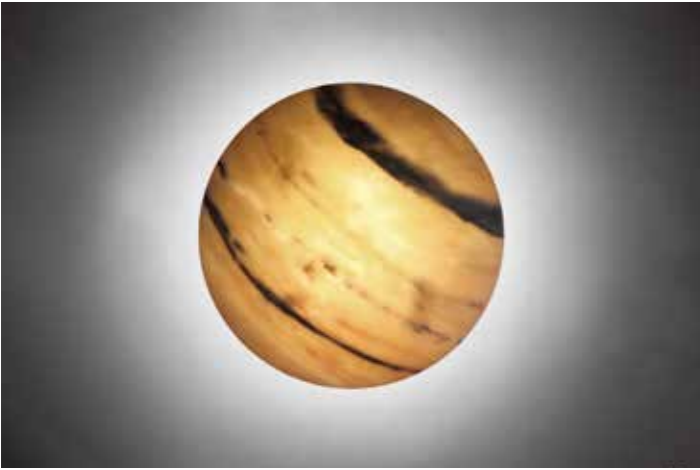
O artesanato, para PÁZ, não nos “convoca unicamente para uma relação com a utilidade, mas também para uma relação com os nossos sentidos”. Ela faz-se notar pela capacidade que tem de nos atrair pelas emoções. Ao contrário do objeto industrial que, segundo o autor tende a desaparecer como forma, e a confundir-se com a sua função: “o objeto industrial não tolera o supérfluo”. Ao passo que o artesanato, lugar intermédio entre a arte e o design, depende precisamente dessa relação com o corpo. PÁZ reforçaria ainda mais, não se trata de “uma relação mas um verdadeiro contacto”, o corpo “como participação”, como “vida física compartilhada”.

Desse modo, concluímos, em conjunto com OCTÁVIO PÁZ, que o objeto artesanal está para as mãos, (para o contacto corporal), como o objeto industrial está feito para o contacto funcional, ou a obra de arte para a relação semi-religiosa.

A mostra de peças, perfeitamente integradas no espaço, e obedecendo a uma tipologia decorativa específica, compreende a seguinte colecção: os cobertores policromáticos *Crag*, de EDUARDO AIRES, as poltronas *Lisboa* de KEIJI TAKEUCHI, os vasos *Corre*, de JULIEN RENAUT, a cadeira *Alcântara* e o guarda-roupa *Alfama* desenhado por SIZÁ VIEIRA, as mesas e secretárias *Front* de PEDRO SOTTOMAYOR, a mesa *Migo* e a cadeira *Allay*, de DANIEL SCHOFIELD, as cadeiras e mesas *Frame*, em madeira, de DEPPING & JORGENSEN, os candeeiros *Bulb* de SOTTOMAYOR, entre outros objetos, como os blocos *Leve*, trabalhados em mármore, de BIRGITTE DUE MÅDSEN, ou os espelhos em forma quadrangular e moldura em madeira.

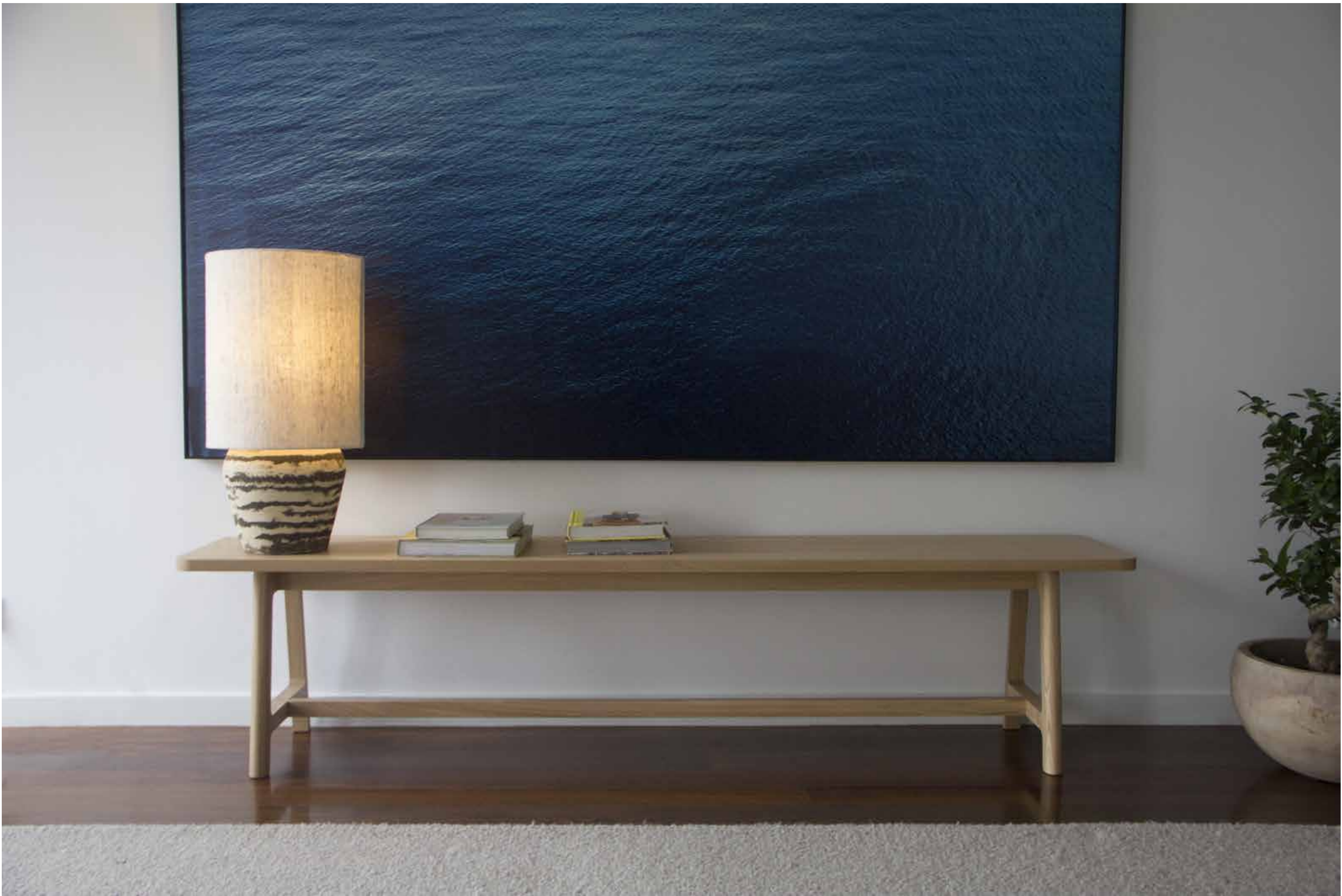
A curadoria desta exposição foi realizada por PEDRO SOTTOMAYOR, e contemplou a presença de designers portugueses e estrangeiros.

texto —————> Carla Carbone









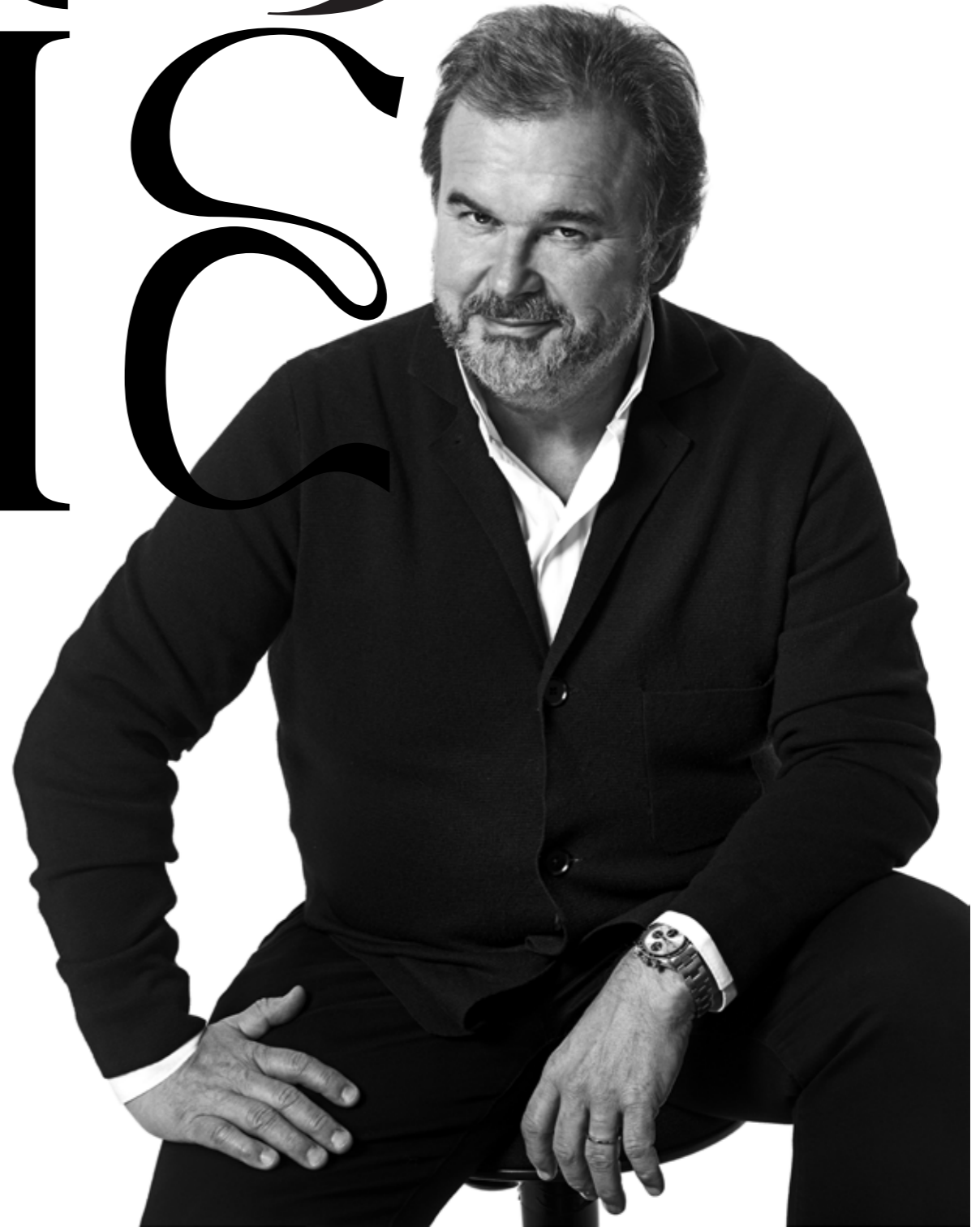
PIERRE

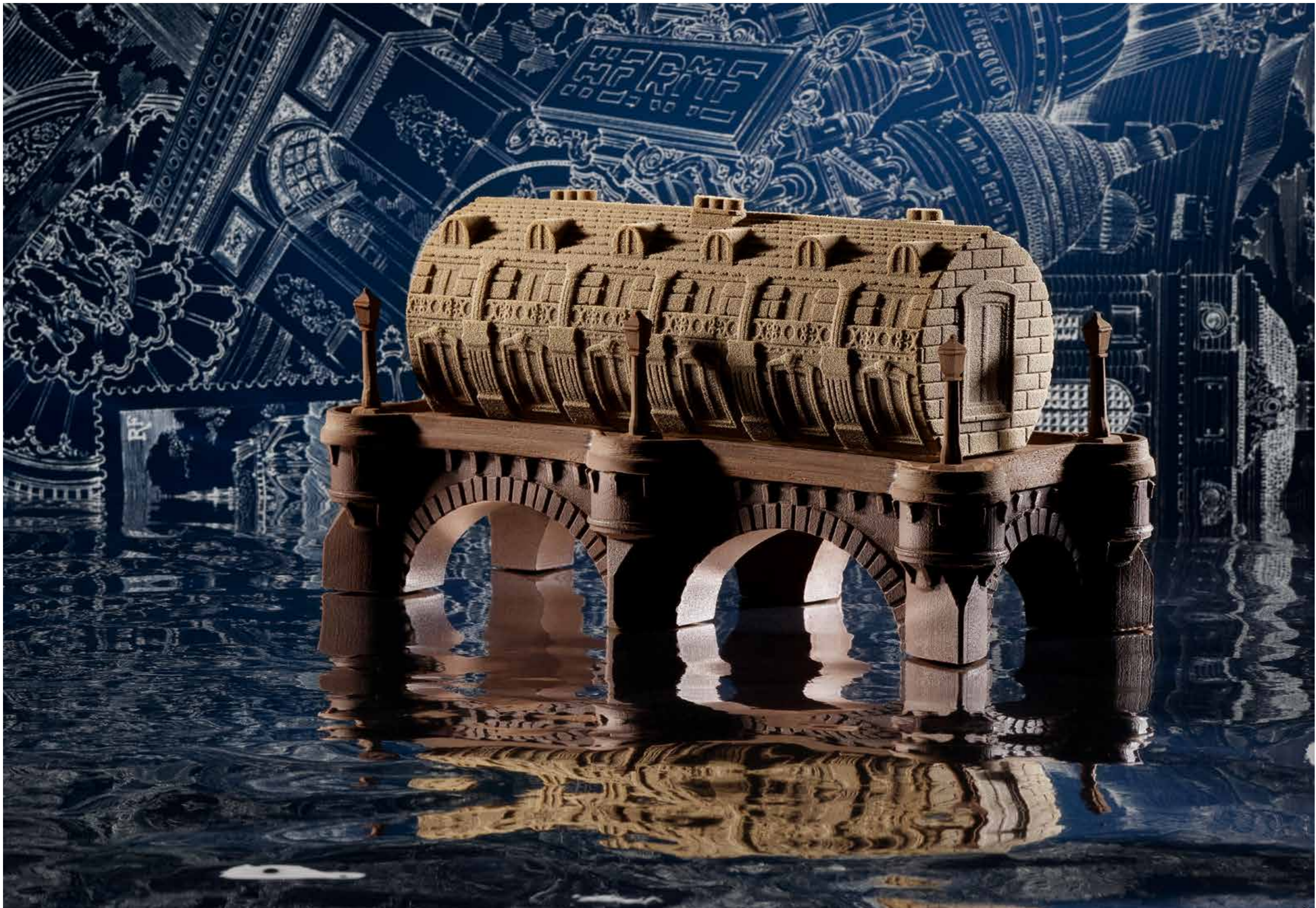
HERMÈS

MONSIEUR

HAUTE

PÂTISSERIE







Chama-se PIERRE HERMÉ e é o criador do conceito de Alta Pastelaria. Mais que “desenhar” e, depois, tornar reais doces lindos de se ver e de se comer, junta sabores e inova com colaborações ousadas. Fomos conhecê-lo a Paris.

No final dos anos 90, numa era em que Paris era cidade-casa para os jornalistas de moda e beleza, não havia vez que eu lá fosse em que não conseguisse tempo para me sentar numa LaDurée para me deliciar com dois macarrons escolhidos entre os clássicos e a carta sazonal. E raramente regressava a casa sem uma caixa (sempre maravilhosa) bem recheada com um mix selecionado a dedo. “Os melhores macarrons do mundo”, afirmava eu, sem dúvidas. E assim foi uns bons anos até que, em 2000 e pouco, me falaram de uma loja que tinha aberto na rue Bonaparte e que, supostamente, tinha macarrons fora de série. Fui experimentar convencida que nada nem ninguém poderia destronar o meu número 1 em matéria daquelas delícias redondas, delicadas e coloridas. Lembro-me de entrar na loja PIERRE HERMÉ e sentir logo que ali se levava a pastelaria a sério. O ambiente tinha a seriedade de uma joalheria só atenuada pelas exclamações de prazer e espanto de quem se depara com preciosidades comestíveis. Quando provei um exemplar lilás que revelou ser tudo aquilo que eu espero de um macarron, atualizei o meu top de preferências e PIERRE HERMÉ passou a figurar bem lá no alto.

Quando, recentemente, surgiu o convite para conhecer pessoalmente PIERRE HERMÉ, foi essa a primeira memória que me veio à cabeça, à qual rapidamente acudiram outras de notícias que fui lendo ao longo dos anos sobre a expansão mundial da marca, com inúmeras lojas pelo mundo – de Tóquio a Doha, passando por Marraquexe (no extraordinário Hotel La Mamounia)– e das invulgares colaborações com artistas de todas as áreas.

Foi precisamente uma dessas colaborações que nos conduziu a Paris. Assim, foi lado a lado com JOANA VASCONCELOS, que entramos na casa-mãe PIERRE HERMÉ –uma espécie de laboratório/cozinha experimental/sala de visitas– onde pudemos assistir à interação de dois artistas de duas artes. JOANA VASCONCELOS está a construir –essa é a palavra porque se trata efetivamente de um edifício– um bolo de noiva, que ganhará brevemente vida em Inglaterra e ao qual se poderá subir até ficar junto aos bonecos da noiva e do noivo. A missão de PIERRE HERMÉ será fazer a versão comestível dessa obra de arte.

Enquanto os dois adiantavam pormenores, assistimos à sessão fotográfica daquele que será o bolo de Natal da casa PIERRE HERMÉ. Uma detalhada escultura em chocolate, guardada num estojo-cofre, em edição limitada de apenas 60 exemplares e com um preço a rondar os 250 euros. Uma jóia temporária, mas uma jóia. Enquanto isso chegou até junto de nós uma caixa cuja beleza exterior deixou adivinhar a riqueza interior:

macarrons, claro. Ainda o que se vende mais na lojas PIERRE HERMÉ (65%). Do menu fazem sempre parte 18 macarrons, 10 clássicos, 8 sazonais. E é claro que a questão que se impõe é: qual escolher? Um da coleção *Infiniment* (caramel, amande, réglisse) ou da coleção *Signature* (o famoso *Ispahan* de rosa líchia e fambroesa, o *Rose Bonbon*, o de *Carte Citronnée*)? Optámos pelo *Crêpe Suzette*, uma delícia de caramelo, laranja e *Grand Marnier* que consegue concentrar em duas pequenas rodela recheadas toda a essência de uma das grandes sobremesas da gastronomia francesa. E como experimentar todos é uma impossibilidade física, ficámos pela descrição de uma outra versão que se revelou surpreendente às papilas gustativas de quem por ela optou: o macarron de azeite e baunilha, uma combinação ousada mas, segundo quem provou, vencedora.

À pergunta óbvia se tem um favorito, PIERRE HERMÉ responde que, obviamente, é o próximo e acrescenta que não procura ideias, encontra-as. Isso e soluções para coisas (comestíveis e doces) que nunca foram feitas. É esse o super poder de PIERRE HERMÉ.



Qual é a sua definição de Haute Pâtisserie?

Haute Pâtisserie é um termo que eu inventei há mais de 20 anos. Trata-se de um tipo de pastelaria altamente criativa, vendida num ambiente elegante, com muita atenção a todos os detalhes.

É, por isso que acabou de referir, uma arte?

O fabrico é artesanal mas a criação é uma forma de arte, sim.

É também essa a razão pela qual é tão importante para si ter colaborações com artistas de outras áreas, como a JOANA VASCONCELOS?

Sempre me pareceu muito interessante colocar o meu métier em relação com outros, com outras disciplinas, principalmente as artísticas. Esse cruzamento é sempre enriquecedor.

Com que outras artes já se cruzou?

Fotógrafos, floristas, perfumistas, designers... Perfumistas, por exemplo, posso dizer que é quase o mesmo trabalho. Eu trabalho com a boca, eles com o nariz... Na verdade fiz um livro em que falo desse cruzamento. Por exemplo, há um perfume que se chama Femme, de Rochas, cujas notas principais são rosa, pêssego e cominhos. Criei uma tarte à base desses ingredientes que ficou deliciosa. Nessa relação com a perfumaria descobri aromas que não conhecia, foi incrivelmente enriquecedor. Fiz esse livro, *Au Coeur du Goût*, há 3 anos. E depois acabei por criar uma coleção de perfumes para a L'Occitane.

Com que arte lhe falta trabalhar?

Ainda não sei (risos). Depende dos encontros. Não se pode programar, é um instante.

Veio para Paris aos 14 anos, para ser aprendiz de GASTON LENÔTRE. Em termos de gastronomia, o que mudou mais na cidade desde essa altura?

A pastelaria era considerada apenas uma disciplina da cozinha, o estatuto mudou e hoje há quem visite as lojas de Pâtisserie da mesma forma que vai a um restaurante Michelin. Por isso até já sugeri que se criasse um Grande Prémio de Pâtisserie de Paris, outro da baguete, outro do croissant. É importante que se dê o máximo destaque à pâtisserie numa cidade onde ela já tem tanta relevância turística.

Como contrata as pessoas que trabalham consigo?

Todos os caminhos são possíveis. Alguns vêm ter connosco, outros procuramos nós. Hoje em dia também é importante seduzir os jovens talentosos, é importante dar-lhes perspectivas e mundo, dizer-lhes que não é apenas um trabalho... Neste momento, no total, tenho 700 pessoas a trabalhar comigo no mundo.

É considera que tem uma obra-prima?

Não me cabe a mim dizer, mas sim aos outros. Mas segundo me dizem seria o Ispahan, uma combinação de rosa, líchia e fambroesas. No ano passado fiz um bolo com pralinê e ervas

frescas que correu muito bem também mas o Ispahan já tem 15 anos, uma criação demora algum tempo a impor-se. Há que esperar.

Costuma dizer que a sua inspiração vem de todo o lado... Tira notas?

Sim, dantes tinha um caderno, agora é no telefone.

É acha que há sensualidade no seu trabalho?

A sensualidade é essencial na Pâtisserie. Quando crio um bolo tenho de antecipar como a pessoa o vai degustar, como se vai sentir ao comê-lo. Tenho de imaginar esse cenário que é, efetivamente, sensual. Pode haver boas ou más surpresas! A surpresa é essencial, cria emoções.

Todos os desafios são possíveis?

Sim. Queriam que eu criasse um bolo para o ano 2000, eu achei um conceito ridículo mas acabei por criar um 2000 folhas! Foi o mais próximo que consegui.

De onde vem o seu interesse por pastelaria?

Nasci nele. Os meus pais tinham uma padaria-pastelaria. O meu pai, pela forma como trabalhava, passou-me a paixão. A minha mãe na caixa, o meu pai no fabrico. Foi natural.

Qual é o próximo passo?

É um caminho continuo. É importante dar continuidade, formar pessoas no trabalho criativo, na direção artística. Há que encontrar alguém que possa fazer esse trabalho.

Já encontrou essa pessoa, já tem substituto?

Não tenciono parar para já mas é importante antecipar as coisas para que a empresa continue. Criei a empresa do zero e não gostaria que desaparecesse comigo. No trabalho artesanal, a transmissão é essencial. É o know how, sim mas também o espírito, a emoção. É um métier cultural, mais do que apenas técnico.

Os programas de televisão que entretanto surgiram no mundo inteiro foram importantes para elevar o estatuto da pâtisserie?

Antes disso, eu já tinha criado associações para que se falasse de pâtisserie e para a colocar em relação com várias outras disciplinas, já falo do métier há muito tempo.

Já fez muito de facto, qual o sonho que falta concretizar?

Gostaria de fazer uma obra de arte de macaron inspirada no quadro *O Jardim das Delícias*, de BOSCH, partindo da parte central do tríptico. Para dar um outro estatuto ao macarron, estou a pensar nisso.

texto —————> Sandra Gato
fotos —————> Stéphane de Bourgies
Laurent Fau
Patrick Rougere

ITALIANG VERG



Há muitas marcas de moda que nos acompanham. De uma forma próxima ou aspiracional. Ou apenas porque não conseguimos deixar de respeitar a criatividade que as sustentam. A italiana MOSCHINO está perto dos 40 anos de idade e tem sido, para várias gerações, a ousadia em forma de t-shirt, a diversão pura num casaco coberto de ursos, o epíteto da coolness numa carteira cujas pegas são talheres vergados (última coleção). Em Portugal vende-se na loja D'ADÉLIA, no Porto, e um evento recheado de celebridades e glamour, foi o local perfeito para tentarmos perceber onde se posiciona atualmente, dentro e fora do país, uma marca com a notoriedade da MOSCHINO e, mais importante, onde quer estar no futuro (próximo).

Há imagens/momentos que se colocam à nossa memória e que passam quase a definir alguém ou alguma coisa. Para mim, e apesar de ter acompanhado inúmeras coleções da MOSCHINO e, como todos, me ter surpreendido sempre com a ousadia —em todos os sentidos— que é um dos elementos de base do DNA da marca, há um instante que, para mim, simboliza tudo aquilo que esta

marca sempre se propôs ser. Foi numa semana de moda, em Milão. Os desfiles MOSCHINO são sempre um happening que começa com a recepção do convite: nunca apenas um mero pedaço de cartão ou papel, mas algo que pode ser um capacete de obras, cuecas de homem ou um teddy bear. Sei que nessa estação, o convite era um papel chamuscado e, na passerelle, surgiu uma modelo com um vestido comprido a arder. Literalmente.

Sabendo bem que a passerelle é um espectáculo que poucas vezes tem correspondência direta com o que, de facto, se vende, admirei a rebeldia criativa e, por isso mesmo, esse é o meu momento MOSCHINO. Mas a ousadia de uma marca só faz sentido se existirem pessoas ousadas a querer vendê-la. Em Portugal, a loja D'ADÉLIA (dadeliastore.com) apostou há largos anos no universo mágico da MOSCHINO e, num evento organizado recentemente no Porto, em parceria pela loja e pela marca, quisemos saber, em discurso direto de ambas as partes, o que mantém a MOSCHINO relevante ao fim de 40 anos de vida —e de dez com JEREMY SCOTT como designer criativo— e onde há lugar para crescer.





MOSCHINO

À conversa com ANDREA CARAVITA,
Head of PR&Communication Europe

Como é que a Moschino se situa atualmente perante as outras marcas de moda? Apesar de ter um DNA muito forte (ousadia, exuberância), é sempre preciso mudar...

Sim, mantendo sempre esse nosso ADN, o objetivo é voar mais alto. Ser mais luxuoso. Queremos posicionar-nos como uma marca couture. Abrimos recentemente uma loja em Milão (na Via della Spiga), com um conceito totalmente diferente. A loja é em mármore branco e negro. É um upgrade. No próximo ano vamos levar esse novo conceito para Londres e para Roma. O arquiteto é o mesmo que fez as lojas CELINE, por aí se vê que é uma filosofia muito mais clean, bem diferente do look habitual MOSCHINO. É essa a mensagem que queremos passar agora. Somos luxo, somos uma marca mais crescida, mais madura. Vamos fazer 40 anos. E JEREMY SCOTT já está há 10 conosco.

JEREMY SCOTT mudou muito a marca e continua a surpreender todas as estações. É um casamento de sucesso?

Nos tempos que correm, estar 10 anos com o mesmo designer é bastante. Este ano fizemos um livro com a ASSOULINE para celebrar esses 10 anos e estamos prontos para mais 10!

Segue-se Roma e Londres, com o novo conceito?

Sim, a ideia é expandir pelo mundo essa nova postura da marca. Pelos Emiratos: Dubai etc... A marca é muito querida lá.

A MOSCHINO está mais crescida e sofisticada, mas vai sempre manter o fun factor, certo?

Sim, isso viu-se no último desfile. Houve looks muito sofisticados, em preto, muito couture, mas houve outros muito divertidos.

Há que manter o equilíbrio?

Sim, esse é o nosso ADN. Couture mas fun e com o humor que caracteriza o JEREMY SCOTT, claro.

É em relação a Portugal? O país mudou muito nos últimos anos. Estamos mais abertos ao turismo, há muitos estrangeiros a viver cá...

Sim, aqui estamos bem representados na D'ADÉLIA. As nossas clientes são senhoras elegantes, urbanas mas muito cool. Representam a nossa marca na perfeição. Por isso quisemos fazer este evento, misturar essas clientes com as influencers e as atrizes. Os turistas também adoram a nossa marca, sabemos disso.

Acha que no Porto há uma boa mistura de mulheres clássicas e de outras mais cool?

Sem dúvida. Umas são mais sofisticadas, outras são streetwear, gostam de logos grandes...

Mas a marca irá sempre manter isso: os logos, os ursos... Apesar do objetivo ser ficar mais sofisticada?

Sim, as pessoas adoram. Mas, como já disse, estamos mais maduros, por isso queremos fazer mais tailoring para homem, por exemplo.

Qual é a percentagem de clientes homem/mulher?

Quase 50/50. Está a mudar bastante. Estamos muito fortes com os homens hoje em dia. Mesmo com as peças mais comerciais, como t-shirts.

Qual é a vossa rival mais direta neste momento?

As marcas italianas, as que têm padrões, logos e tailoring...

Em Portugal, só vendem na D'ADÉLIA?

Sim. Mas estamos a pensar expandir. Não ter uma loja própria, mas estar presente em Lisboa, por exemplo.

É quanto ao mercado asiático?

É o continente onde mais vendemos, temos muitas lojas (e escritórios) lá.

É este tipo de eventos glamorosos, são para continuar?

Sim, queremos fazê-los em vários países. O JEREMY SCOTT é uma celebridade e é amigo de celebridades, por isso é importante termos uma boa relação com celebridades e influencers. Mas continuamos a apoiar as revistas, achamos que continuam a ser relevantes.



Bárbara Marinho e Adélia Coutinho na D'Adélia



D'ADÉLIA

À conversa com Bárbara Marinho:
buyer e PR&Comunicação

Parq: Há quantos anos vendem Moschino na D'Adélia?

Há quase duas décadas, até porque a marca tem várias linhas. Já trabalhamos com a CHEAP AND CHIC, que entretanto se transformou na BOUTIQUE MOSCHINO e também com a LOVE MOSCHINO. Neste momento apenas trabalhamos com a primeira linha: MOSCHINO COUTURE.

Quem é o cliente-tipo da marca?

Curiosamente a MOSCHINO consegue chegar a diferentes gerações. Apesar de ser muito irreverente, divertida e jovem na sua forma de comunicar, alcança vários públicos desde as mulheres mais novas até às senhoras mais velhas.

Qual é o impacto de um evento como o que organizaram recentemente com a marca?

Felizmente o impacto foi muito positivo. Superou mesmo as expectativas, o que é sempre gratificante dado todo o esforço e dedicação que colocamos neste tipo de ações. Sabe bem a recompensa. É, naturalmente, traduz-se num maior engagement nas redes sociais e uma maior procura das peças da marca na loja.

Qual vos parece que vai ser o futuro da MOSCHINO em Portugal?

É algo que ainda não sabemos bem... Tivemos conhecimento que a MOSCHINO vai terminar as suas outras linhas mais acessíveis o que poderá fortalecer ainda mais a "linha mãe". O tipo de cliente que compra esta marca italiana gosta de ter alguma exclusividade. Não é esse um dos sinónimos de luxo?

Quais são os critérios para a escolha das marcas que representam na vossa loja?

Qualidade, prestígio da marca e originalidade. Depois quando fazemos a seleção das peças tentamos aliar o nosso cunho pessoal ao estilo das nossas clientes o que nos permite ter sempre uma boa seleção —desde o mais comercial ao mais irreverente.

Porque optaram desde cedo pela MOSCHINO?

Pelos critérios que acabei de enumerar: qualidade, o reconhecimento da marca e, claro, a sua originalidade/irreverência.

texto —> Sandra Gato

PINK

fotografia MARIA RITA
fashion TIAGO FERREIRA
hair ALEXANDRE SOARES
make-up JOANA ESPARGO
modelo PAULINE SARA
ass.foto FRITZI SCHWARZBAUER

full look VALENTINO na Stivali



sobretudo e mala BOTTEGA VENETA
tênis VALENTINO, tudo na Stivali



full look VALENTINO na Stivali

top DRIES VAN NOTEN
jeans AGOLDE
sapatos BOTTEGA VENETA na Stivali









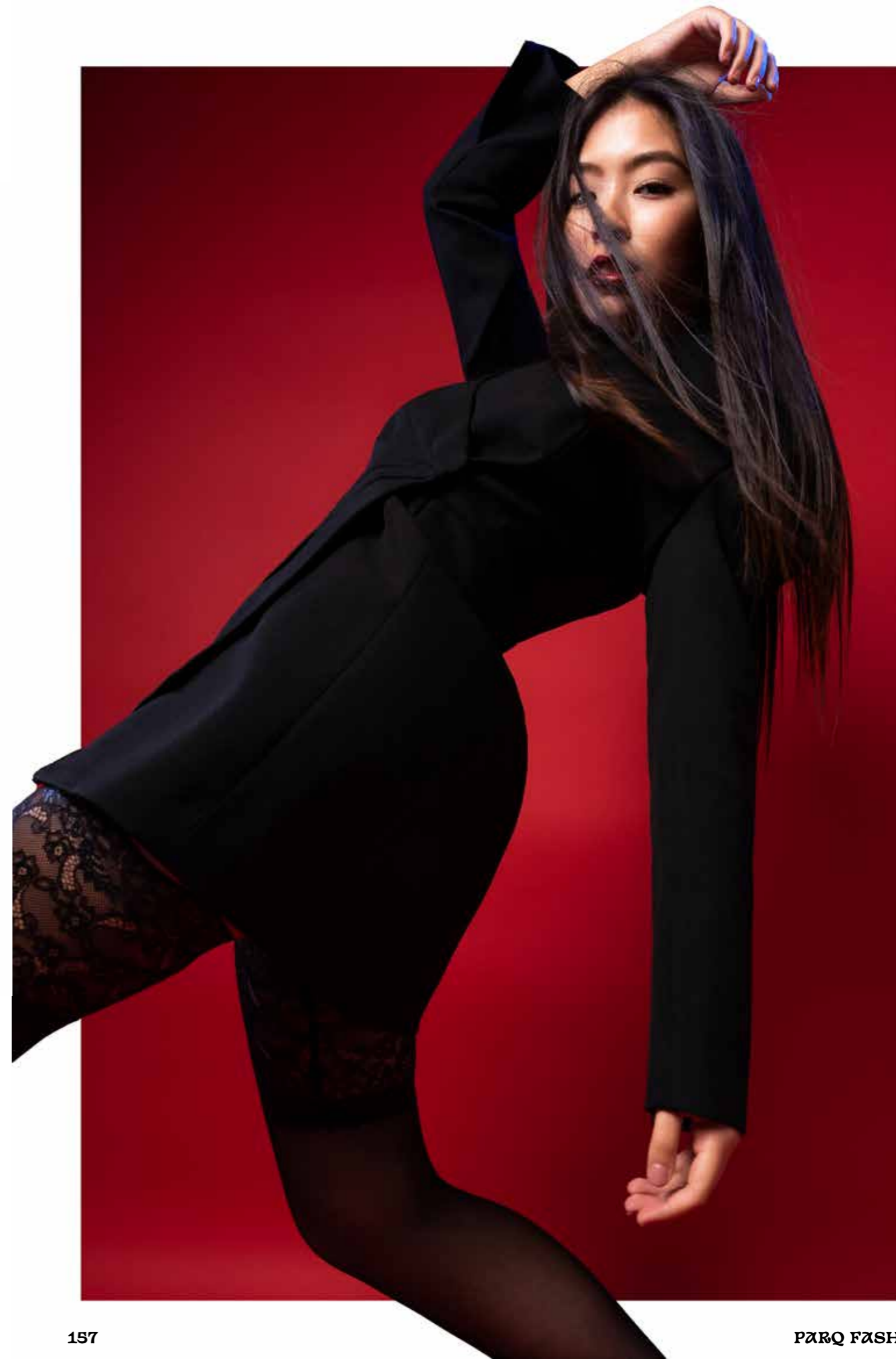


YUGEN

幽玄

fotografia LUÍS PEDRO
stylist ADRIANA VERÍSSIMO SILVA
make-up & hair JESSICA CARVALHO
modelo ANNIE (Central Models)

vestido e sapatos ZARA
meia CALZEDONIA





top/cinto ZARA



saia e top H&M

160

PARQ FASHION

casaco vintage
meia CALZEDONIA



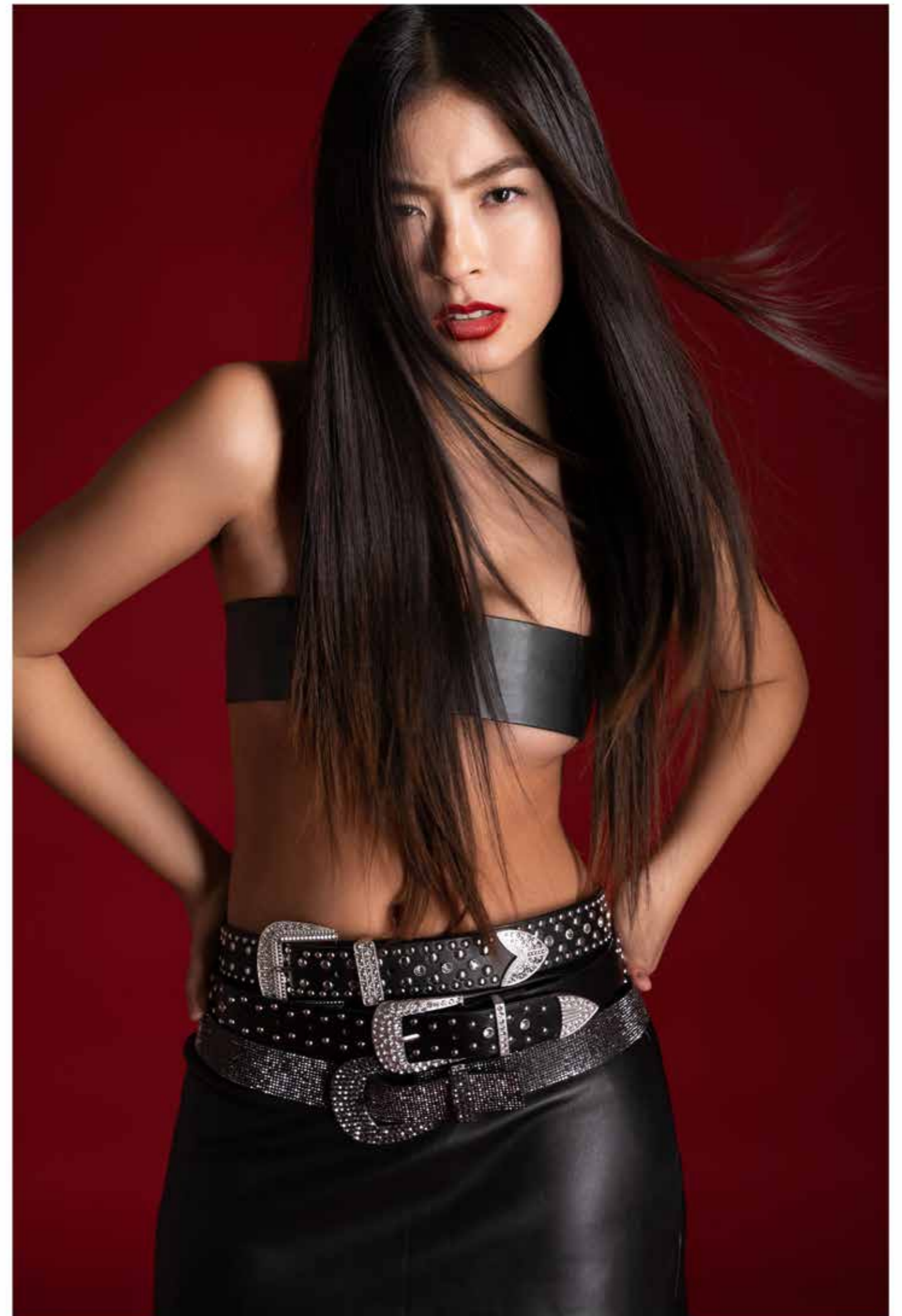
161

PARQ FASHION

body TEZENIS
meia CALZEDONIA
sapatos STRADIVARIUS



top/cinto ZARA
cintos STRADIVARIUS
saia vintage



vestido e sapatos ZARA
meia CALZEDONIA



top H&M
brincos STRADIVARIUS

OITTO



Oitto

Largo do Picadeiro, 82
Lisboa

Em pleno Chiado, entre teatros, no belíssimo largo do piadeira abre o Oitto, um novo restaurante pela mão do chef Carlos Afonso. Anteriormente a frente do Frade, na Ajuda, conseguiu que o seu espaço se tornasse uma referência em Lisboa e com a distinção Bib Gourmand, do Guia Michelin que assim assinala os restaurantes com melhor relação qualidade/preço.

Mas os exíguos metros quadrados da cozinha do Frade acabaram por condenar o desenvolvimento profissional do chef e nesse sentido encontrar o espaço do Oitto foi a materialização de um sonho. Desde a sala, a zona de bar e a zona mais privada a que chama mesa do chefe, para não falar, do que não se vê, o armazém e a cozinha tudo é espaçoso, tudo se tornou um campo de possibilidades enorme.

Estar sentado num dos 54 lugares do Oitto representa experienciar o conforto e luxo de estar numa sala espaçosa de tetos altos que permite mesas bastante separadas. Os próprios patamares desnivelados da sala, desconstrói aquela visão banal de uma sala compacta de comensais. Tudo parece um pouco mais teatral, com recantos a descobrir, zonas de repouso, uma mesa de dj e uma barra de bar muito generosa que nos vai aparecendo em percursos mais ou menos intuitivos. O próprio espaço remete-nos para a possibilidade elástica de estarmos no Oitto seja para um snack ou uma refeição mais completa porque a carta revela-se imediatamente muito versátil. Tanto pode ser uma porção, como algo a partilhar, algo mais formal ou apenas um ponto de encontro que leva a um primeiro copo.

Para quem conheceu o Frade na mão do Chef Carlos Afonso, por agora, o Oitto talvez ainda não traga grandes novidades. A ideia foi manter um casual dining a partir dos pratos que criou e que se tornaram clássicos como pato desfiado em escabeche (15,5€) ou o cabrito assado com arroz no forno (para dois 34€) Os croquetes (4,3€) também já são um clássico. Podem ser um entrada ou apenas acompanham um copo no bar. Todos os pratos estão fundados numa memória e preceitos da sua região o Alentejo, mas o Chiado pede pratos internacionais, algo a cheirar a “brasserie” e por isso introduziu o tártaro de carne (17,5€) cortado a preceito que bem se pode tornar um novo clássico do Oitto. Não se procura certamente uma cozinha que seja complicada mas que tenha o requinte e os toques de um chef. O pato de escabeche com um toque cítrico, torna-o tudo menos vulgar sem ter que se meter em bicos de pés. A carta de vinhos é bastante vasta, e para além das grandes referências, mesmo raridades, temos uma carta que procurou ser fora da caixa. Há Também aqui profissionalismo, alguém pronto a ouvir o cliente e dar conselhos certos. Desta vez foi-nos proposto um invulgar “à parte” um vinho âmbar orange, para curiosos e aventureiros. A aposta na equipa é certamente um marco e vale apenas referir Vasco Diogo, o chef da mixologia que podemos encontrar na barra do bar. Este jovem cheio de segredos deu-me a provar um dos cocktails que vai entrar na carta, que mistura aguardente de medronho com um licor de figo. Rosado e macio na boca continha toda a rusticidade de um Algarve interior num elegante copo de pé alto.

texto —————> FRANCISCO VAZ FERNANDES

PARQ HERE



FRY ME TO THE MOON

@frymetothemoon

A área da moda parecia ser o destino de Tara Van Ginkel, que durante 5 anos foi o braço direito da mãe, Lídia Kolovrat, designer de moda radicada em Portugal. Além da concepção da coleção, tudo que uma marca de moda necessita em termos de promoção, estava entregue a Tara, que se sentia um peixe dentro de água. Talvez porque o aquário se tornava pequeno ou porque seguia o espírito empreendedor da mãe, Tara queria ter um negócio próprio. Criou durante a pandemia a Lender Community, uma plataforma onde consumidores de moda trocam entre si as suas peças que tinham posto de lado. Não correu à velocidade que desejava e procurou algo mais imediato com um retorno rápido e criou a Fry me to the Moon. Foi tudo pensado a correr seguindo o coração, com os poucos recursos que tinha à mão, para apanhar a época dos festivais. Sem estrutura montada, nem mesmo um truck food, conseguiu ser aceite no Sonar, em Lisboa, apenas com um conceito bem elaborado. Foi o que se pode dizer um batismo de fogo. Ter trabalhado até às 6 horas da manhã em algo que apenas estava a experimentar, foi uma loucura. Hoje consegue despachar meia tonelada de batatas num dia, sem stress, como aconteceu no último Primavera Sound.

Tara viveu grande parte da sua adolescência na Holanda com a família do pai e as suas "Fries" são a reprodução de uma verdadeira instituição nos Países-Baixos tal com na Bélgica. Não há bairro que não tenha o seu quiosque com batatas fritas que têm que ser cremosas por dentro e estaladiças por fora. Não há segredos. Tara refere que o que faz a diferença é fritar as batatas duas vezes. Uma a baixa pressão que deixa a batata mole. Depois de repousar frita uma segunda vez a batata a alta pressão que lhe dá crocância sem perder o lado cremoso do interior. Como diz é um processo que é feito todo a mão desde o corte inicial. Tudo produtos de primeira qualidade, o que faz diferença ao final.



A cozinha não era afinal um universo que estivesse muito longe do seu imaginário. Quando terminou o liceu tinha manifestado o desejo de uma carreira de chef cozinha, procurou uma escola em Barcelona, mas uma experiência num restaurante, reverteu o sonho. Diz que adora o que está a fazer agora. Não é chef mas é uma área onde também consegue ser muito criativa. A qualidade e técnica estão lá na base, mas depois há tanta coisa para inventar a começar pelos molhos alguns mais leves para eventos pop up outros mais elaborados, com refugados de carne por exemplo, a pensar nos festivais onde se prefere algo que possa ser uma refeição mais completa. Versões vegan de molhos com base em abacate ou cogumelos, também foram pensados.

Para acompanhar proporciona umas bebidas engarrafadas em frascos de vidro feitas no dia. Iniciou por engarrafar com margaritas, a sua bebida favorita porque achava que casava perfeitamente com as fries. Agora tem mais opções, pina coladas, mesclitos e diferentes sabores para as margaritas. Nos comestíveis juntou ainda croquetes. Primeiro de carne numa versão holandesa mas hoje também faz de camarão e de cogumelos para os vegan.

Já conheço a Tara há muitos anos mas foi uma surpresa encontrá-la num evento atrás de um balcão onde pude experimentar as suas famosas fries dentro de um cartucho de papel. Sem dúvida crocantes, pinceladas numa maionese picante que foi a minha escolha. Os croquetes de cogumelos foram mais surpreendentes e acompanharam uma das suas margaritas de maracujá. Todo o packaging é perfeito e por isso almejar a luz tornou-se com justiça o limite do projeto.

texto —————> FRANCISCO VAZ FERNANDES



O EGO FOI À CEIA DE NATAL

ilustração Manuel Branco

É ele está presente, e sempre. Em todo o lado. À nossa volta, dentro, fora, aos poucos e em muito. Mas é uma consequência da existência. Nossa e das situações que geramos, herdamos, criamos, fazemos e acontecemos.

Os egos são a origem, quase sempre de batalhas campais que resultam em nada. E deste nada continuamos com nada. Não conseguimos estar fora de nós e ver o nosso ego a transformar-se num boneco de neve gigante. Com a cenoura a fazer de nariz, uns olhinhos, e ainda leva um gorro ou chapéu de cowboy se for preciso.

É um boneco de neve que vai sendo construído com crenças, ideias e afirmações que juramos a pés juntos serem verdadeiras. O ego que se vê ao espelho como um cavaleiro que vem ditar justiça e moralidade está ali, e afinal é só um boneco de neve.

Quando o Inverno acabar será apenas água. E desta água não convém beber.

São criadas histórias na nossa cabeça que têm de terminar assim e assado. “Porque é o que é correcto.” Diz o nosso ego.

Não nos conhecemos assim tão bem, é por isso que da água criamos bonecos de neve. E de simples mortais nos consideramos cavaleiros reais.

É no final do dia resta-nos não ceder, sem sabermos ao certo muito bem porquê. E quando sabemos dali a uns tempos não era assim tão importante.

É por isso que desde antes dos tempos medievais sempre se fizeram bonecos de neve. Não estive por lá, mas sempre houve água, gelo, inverno, e acima de tudo ego gigantes, enormes, do tamanho de montanhas.

Eles resistem ao tempo, multiplicam-se e intensificam-se. Agora que o Inverno está a chegar, é preciso ter muito cuidado com os bonecos de neve sentados à mesa para a ceia de Natal.

Muitas vezes são apenas poças de água pelas quais passamos durante o ano, e depois ali estamos nós. A dividir uma travessa de filhoses e rabanadas com bonecos de neve. E o pior mesmo, é olharmo-nos pelo espelho da sala e vemos uma armadura, um escudo e uma espada pronta a defender o nosso ego real.



PARQ

follow us

www.facebook.com/parqmag

www.parqmag.com
www.instagram.com/parqmag/